

VICTORIA RAPACE ELME



O LIVRO ILUSTRADO INFANTIL:

memórias e formação de uma artista educadora
em diálogo com crianças

**O LIVRO ILUSTRADO INFANTIL:
memórias e formação de uma artista educadora
em diálogo com crianças**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Artes- Campus São Paulo da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, para obtenção do grau de
licenciada em Artes Visuais, sob orientação do
Prof. Dr. Leandro de Oliva Costa Penha.

SÃO PAULO SP
2025

E48l Elme, Victoria Rapace, 2003-

O livro ilustrado infantil : memórias e formação de uma artista
educadora em diálogo com crianças / Victoria Rapace Elme. – São
Paulo, 2025.

80 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Oliva Costa Penha.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais)
– Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São
Paulo.

1. Arte na educação. 2. Livros ilustrados para crianças. 3.
Imagens. 4. Educação pré-escolar. I. Penha, Leandro de Oliva
Costa. II. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de
Artes, São Paulo. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes -
CRB/8 10531

VICTORIA RAPACE ELME

**O LIVRO ILUSTRADO INFANTIL:
memórias e formação de uma artista educadora
em diálogo com crianças**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes, Campus São Paulo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de licenciada em Artes Visuais, sob orientação do Prof. Dr. Leandro de Oliva Costa Penha.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor Leandro de Oliva Costa Penha
Instituto de Artes UNESP - Orientador

Prof.^a Doutora Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes UNESP

Prof.^a Mestra Cristiane Rogerio Carvalho
A Casa Tombada

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: 25/11/2025

À minha mãe, Andrea, por sempre buscar um caminho que a arte e cultura estivesse em nossas vidas.
Ao meu pai, Vander, por sempre me apoiar em todas as minhas loucuras e sempre se empenhar em me fornecer o melhor.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem o apoio que tive ao longo dessa jornada, onde amigos e familiares se tornaram meu alicerce.

Agradeço aos meus pais Andrea e Vander, que sempre fizeram questão de me apoiarem e incentivarem minhas escolhas, sempre proporcionando o melhor para que eu pudesse ter confiança de ir atrás dos meus sonhos. Graças a eles, eu e minha irmã conhecemos os livros ilustrados, os precursores de meu interesse pela arte. Obrigada, eu amo vocês.

Agradeço também à minha irmã Beatriz, por ser minha parceira de leituras desde a infância, e por sempre se preocupar comigo; seu carinho é gigantesco e ressoa em minha escrita.

Ao meu amor, Renan, quem me acolheu nos meus momentos mais difíceis, meu porto seguro no decorrer de toda a pesquisa. Eu te amo, obrigada por sempre estar ao meu lado me apoiando e me encorajando a continuar entregando o melhor de mim sempre.

Ao meu orientador, Leandro, por me acompanhar nessa jornada e não largar a minha mão, seja no grupo de pesquisa ARTED, em disciplinas ou na orientação. Obrigada por trilhar esse caminho ao meu lado.

Aos meus amigos e amigas Ana, Amanda, Bia, Bibi, Clara e Kobata por me ajudarem na pesquisa com

orientações, diálogos e conversas que refletiram em minha escrita, agradeço por todo o apoio e partilha que me guiar

À Escola Bloom por oferecer o espaço necessário para a realização de oficinas, às educadoras e à equipe de administração.

Agradeço a todas e a todos que me incentivaram a continuar, pelas palavras de incentivo, abraços, risadas e até mesmo os choros. À todos que trilharam esse caminho comigo, saibam que esse trabalho só existe devido a esse apoio.

E também agradeço a você, leitor, leitora, leitor, por ler meu projeto, espero que ele te encante tanto quanto me encantei ao elaborá-lo.

*“- Para mim, livro bonito
é aquele que tem figuras,
Pra você não é, Carlito?*

*- Pra mim é o que tem
doçuras,
E nossas almas retrata
E da terra as formosuras!
[...]*”

Presciliana Duarte
de Almeida (1908)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o livro ilustrado infantil como elemento importante para a formação das crianças e de arte/educadores, utilizando as vivências de infância da autora e o relato de uma experiência pedagógica. As metodologias escolhidas para este trabalho são: a autoetnografia, onde a autora coloca suas vivências como objeto de pesquisa, desdobrando-as em paralelo ao suporte do livro e sua relação com a arte-educação e a pesquisa-ação em uma escola de educação infantil. Deste modo, esta pesquisa volta-se à escolaridade infantil, através de atividades com crianças de três a cinco anos de idade e como elas reagem, interpretam e lêem o livro ilustrado. Uma pesquisa com o enfoque em apresentar os diversos formatos e qualidades presentes na técnica de ilustrar a leitura para crianças.

Palavras Chave: Arte Educação; Autoetnografia; Educação Infantil; Ilustração; Livro Ilustrado; Oficina Pedagógica.

ABSTRACT

This research aims to analyze the illustrated children's book as an important element in the formation of both children and art educators, drawing on the author's childhood experiences and the report of a pedagogical activity. The methodologies adopted include autoethnography, in which the author uses her personal experiences as a research source, relating them to the book as a medium and its connection to art education, as well as action research conducted in an early childhood education school. The study focuses on early childhood education through activities with children aged three to five years old, observing how they react to, interpret, and read the illustrated book. The research highlights the variety of formats and qualities involved in the practice of illustrating reading for children.

Key Words: Art Education; Autoethnography; Children's Education; Illustration; Pedagogical Workshop; Picturebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro fotográfico na Livraria Cultura.....	17
Figura 2 - Página do livro ilustrado: O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado.....	19
Figura 3 - Página do livro: O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado.....	20
Figura 4 - Registro fotográfico de uma visita na Pinacoteca... 21	
Figura 5 - Registro fotográfico de uma visita na Pinacoteca... 22	
Figura 6 e 7 - Registros fotográficos de uma visita ao museu Catavento.....	23
Figura 8 - vinheta para a menina do narizinho arrebitado, página de rosto.....	26
Figura 9 - Capa da primeira edição do livro Flicts de Ziraldo.. 33	
Figura 10 - Capa da edição de 2000 do livro Flicts de Ziraldo 34	
Figura 11 - Aluna segurando o livro Flicts.....	34
Figura 12 - Aluna lendo o livro Flicts.....	35
Figura 13 - O intruso de John Anster Christian Fitzgerald, 1865.....	41
Figura 14 - Ilustração de, Sr. Joseph Noel Paton, A disputa de Oberon e Titânia, 1844.....	41
Figura 15 - Ilustração de Carl Offterdinger da tentativa de assassinato de A Branca de Neve, 1812.....	42
Figura 16 - Ilustração O Dilúvio de Gustave Doré para a Bíblia, 1866.....	43
Figura 17 - Ilustração do Flautista de Hamelin por Kate Greenway da edição de 1888 de Robert Browning.....	43
Figura 18 - Ilustração de Arthur Rackham para o livro Alice no País das Maravilhas, 1907.....	44
Figura 19 - Cabeçalho litografado da Revista Semana Ilustrada.....	45
Figura 20 - Capa da edição nº 450 da Revista Ilustrada de 1887, retratando um velho imperador Pedro II.....	46
Figura 21 - Registro da oficina de leitura compartilhada.....	57
Figura 22 - Registro de atividade de desenho das crianças... 58	
Figura 23 - Mesa da oficina de leitura e prática.....	59
Figura 24 - A e M lendo o livro O Ratinho, O morango Vermelho Maduro e O Grande Urso Esfomeado.....	61
Figura 25 - Processo da atividade.....	62
Figura 26 e 27 - Processo da confecção dos livros.....	63
Figura 28 - Grupo dois realizando a oficina de confecção de livros.....	65
Figura 29 - Registro da leitura compartilhada com os alunos da recreação.....	67
Figura 30- Registro da capa do livro Árvore dos Sonhos....	68
Figura 31 - Alunas lendo os livros individualmente.....	69
Figuras 32, 33, 34, 35, 36 e 37 - Livros ilustrados feitos pelas crianças.....	72
Figura 38 - Última página do livro ilustrado: O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado....	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ENTRE PÁGINAS E MEMÓRIAS.....	16
2.1 Reencontrar o que um dia já foi esquecido.....	17
3 O QUE É O LIVRO ILUSTRADO INFANTIL?.....	26
3.1 A literatura infantil.....	28
3.2 O livro Ilustrado.....	31
4 O PERCURSO HISTÓRICO DO LIVRO ILUSTRADO.....	37
4.1 A história da ilustração em livros.....	38
4.2 A ilustração em livros no Brasil.....	45
5 O LIVRO ILUSTRADO NA ARTE EDUCAÇÃO.....	49
6 EM BUSCA DO ENCANTO DAS CRIANÇAS: uma oficina pedagógica.....	53
6.1 Objetivo e Metodologia.....	54
6.2 Preparação da Oficina.....	55
6.3 Registro das oficinas - O primeiro dia na escola com as crianças.....	57
6.4 Conclusão da Oficina.....	70
7 O ENCANTO - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	78
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	82

1 INTRODUÇÃO

No reflexo do espelho, às vezes encontro alguém que não reconheço. As olheiras em meu rosto revelam o cansaço da vida adulta e a correria que ela traz, como se fosse uma marca de crescimento, me lembrando constantemente que não sou mais aquela criança de seis anos cheia de vitalidade. Nesse momento, em meus vinte e um anos, ainda tenho muito para viver, sonhos a realizar e coisas para conhecer, mas sempre há aquela pergunta se “*o que eu estou fazendo é o certo*” que tira meu sono à noite. Amigos na mesma faixa etária dividem o mesmo pensamento comigo, e reparo que a ansiedade de viver uma *vida boa* é o que nos causa tanto cansaço. Refletindo sobre essa ânsia de viver *bem* sinto que adoeci, questionando minhas capacidades e meu futuro, notei que precisava parar. Quando me dei o tempo para espairecer, consegui me reencontrar entre as lembranças de minha infância. Foi depois deste momento que a pesquisa para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de licenciatura começou a nascer.

A princípio, fui atrás de entender o *porquê* de seguir o caminho das artes como carreira profissional. Questão que muitas vezes revira meus pensamentos e tira meu sono pela noite, e notei que não poderia responder essa pergunta sozinha, então levei esse questionamento até minha casa. Lá me sentei na mesa da sala de jantar com meus pais, após a refeição perguntei sobre minha infância, meus gostos e se eles viam uma artista em mim quando pequena. A partir dessas perguntas foi se criando um momento de conversa e reflexão sobre minha trajetória como artista, um momento bonito que se tornou base para esse trabalho. Esta conversa com minha família foi importante não apenas para agregar a pesquisa em si, mas também para me encontrar com minha criança interior – além de ser um momento especial com meus pais, que proporcionou boas risadas, saudade das memórias e também uma união maior entre nós. Eu carrego com muito carinho essas conversas.

Uma das palavras que recorrentemente surgiu enquanto conversávamos foi **o livro ilustrado**, um material que desde pequena meus pais faziam questão de me presentear, já que eu tinha muito apreço por ele. A partir desta lembrança se levantou uma curiosidade e vontade de

rever meus livros. Essa vontade passou depois de um período, devido a correria da vida, me esquecendo de parar por um momento para ler. Porém, após uma faxina em casa, me encontrei com eles na estante de meu pai, e a inquietação de querer folheá-los tomou conta, fazendo-me parar minhas ações e ler imediatamente as páginas coloridas e diversas daqueles livros que eram parte de minha infância. Me encontrei comovida pelas imagens, as quais conseguiam transmitir nostalgia e fantasia, como se eu pudesse sentir a minha criança interior vibrar de alegria e admiração. Essa sensação mágica foi como se eu tivesse voltado no tempo.

A partir desse reencontro, me questionei se essa mesma sensação de fantasia e afeto ainda está presente nas crianças dessa geração ou de hoje em dia, se elas ainda gostam das ilustrações e como elas reagem ao verem. *O sentimento de encanto ainda está vivo nos (as) pequenos (as)?* Esse pensamento é uma forma de traçar uma conexão entre a infância de agora e a minha infância, apontando semelhanças e diferenças através de encontros literários. Sendo assim, além de me identificar como artista-educadora, ainda há uma necessidade de entender e analisar como as crianças se interessam pelos livros ilustrados, dessa forma

desdobro como esse suporte artístico, que é o livro, tem relação com a arte-educação voltada para a infância.

Apesar da pesquisa se iniciar a partir dos relatos pessoais sobre minha formação artística, meu encanto e carinho pelas ilustrações presentes dentro desses livros, ainda há a relação deste suporte com minha experiência como arte-educadora. O livro ilustrado além de proporcionar o lazer, é um mediador e material didático potente principalmente no recorte da educação infantil proposta neste trabalho, sendo um dos principais agentes na formação da criança, desde a alfabetização até o desenvolvimento da criatividade, sensibilidade e autonomia.

Em *A Imagem no Ensino da Arte* (2010, p. 28), Ana Mae Barbosa relata que a alfabetização visual desde os primeiros anos de vida é essencial, já que a fruição e produção de imagens contribuem diretamente para o desenvolvimento cognitivo, criativo e sensível da criança. Seguindo essa afirmação, pontuo que o livro ilustrado, recheado de imagens delicadas, de diferentes formatos e padrões, seguindo diferentes poéticas, é quase um dicionário visual que alimenta o aprendizado dos pequenos, e que mesmo sem a compreensão do texto eles conseguem

compreender as histórias graças a essas ilustrações potentes. Desse modo, um dos caminhos dentro desta pesquisa é evidenciar a qualidade educacional que o livro infantil proporciona, colocando em pautas didáticas e procurando novas formas de inseri-lo no ensino infantil. Esta pesquisa, portanto, se divide em três momentos: relato autobiográfico, pesquisa teórico-histórica e, por fim, uma pesquisa-ação com o procedimento da pesquisa de campo com crianças de três a cinco anos de idade, onde esses três momentos refletem a principal metodologia utilizada neste trabalho, que é a autoetnografia¹, onde me coloco como parte da pesquisa. Nessa busca sobre o livro ilustrado para crianças, me insiro dentro da realidade infantil presente no imaginário e no olhar cuidadoso dos pequenos. Como dito anteriormente, o objetivo da pesquisa é apresentar o suporte do livro ilustrado como um material didático e como as crianças se encantam com eles, partindo de minha experiência pessoal.

¹ “Autoetnografia” vem do grego: *auto* (*self* = “em si mesmo”), *ethnos* (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e *grapho* (escrever = “a forma de construção da escrita”)². Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve) (SANTOS, 2017).

Desta forma, apresento esse trabalho em primeira pessoa, para que essa leitura se torne como uma conversa, uma roda de leitura, ou até mesmo uma história para ler antes de dormir, onde posso apresentar não apenas um pouco de minha história e vivências, mas apresentar como esse suporte do livro ilustrado é importante na formação da infância e como o encanto que possuo por ele se faz presente em cada página e também continua vivendo no olhar das crianças. Tomo essa pesquisa como uma forma de apreciar esse suporte artístico, cada seção se constitui como parte importante para compreender como o livro ilustrado é querido não apenas para mim, mas pelo mundo inteiro, desde suas histórias até em atividades coletivas.

No primeiro capítulo relato o reencontro do livro ilustrado e como ele se fez importante em minha formação como arte-educadora. Neste momento, apresento como as ilustrações me encantaram na infância através de relatos e fotografias de quando eu tinha entre seis até nove anos de idade, me guiando até a chegada ao campo acadêmico. Aqui exponho a presença do livro em minha vida, para que o leitor possa se reconhecer através de lembranças e compreender o afeto que este suporte carrega através das memórias.

Seguindo para o segundo capítulo, o foco volta-se ao conceito do livro ilustrado infantil junto às discussões presentes dentro desta linguagem artística. Atravessando os conceitos da literatura e do visual, essa seção apresenta as características que compõem o livro ilustrado, trazendo as discussões sobre as semelhanças do termo com outros tipos de livros (como o livro ilustrado, livro-álbum, etc), e também a dificuldade em definir o que é a literatura infantil. Portanto, nesse momento o livro ilustrado é separado em partes: o texto e o conceito da imagem presente, para que assim possamos compreendê-lo como um todo.

No terceiro capítulo a história do livro ilustrado é o tema principal. Na pesquisa *A arte de ilustrar livros para crianças e jovens*, criada pelo programa Salto para o Futuro², na edição de junho de 2009. os autores Rui de Oliveira e Graça Lima discorrem sobre a história do livro ilustrado desde a Revolução Industrial até os Anos de Ouro da ilustração

² Salto para o Futuro iniciou em 1991 e foi um programa dirigido à formação continuada de professores e de gestores da Educação Básica, integrada à grade da TV Escola (canal do Ministério da Educação). Além de um programa televisivo, ele conta como um site que disponibiliza publicações eletrônicas Salto para o Futuro (ISSN 1982-0283). As exibições pararam no ano de 2013 (TV Brasil [s.d]).

estrangeira, passando até sua chegada no Brasil, incluindo também importantes momentos das impressões gráficas em nossa história. Portanto, essa seção se divide na história das ilustrações na literatura infantil vista no campo internacional e no nacional, um recorte breve para compreender como o livro se tornou o que vemos nas livrarias e bibliotecas, passando pela história da ilustração, literatura e também das técnicas de reprodução.

O quarto capítulo é sobre a relação da arte-educação dentro dos livros ilustrados. Trazendo pontos históricos e conceituais, através de autores como Ana Mae Barbosa (2005, 2010), Cecília Meireles (1984), Paulo Freire (1987), entre outros, como a chegada da literatura infantil foi importante para a formação do ensino das artes no Brasil. Apresento como as crianças ainda não letradas se relacionam com os livros ilustrados através da leitura visual, onde o livro torna-se um mediador de processos de aprendizagem, analisando seu papel como um material didático.

No quinto capítulo apresento uma oficina de literatura e pintura com crianças de três a cinco anos na escola *Bloom* escola infantil onde atuo, esta fica localizada em Barueri. Através de registros com gravação de áudio e fotográficos,

apresento como foi minha experiência com as crianças e os professores, articulando a pesquisa teórica e prática com os dados obtidos em minhas vivências, comparando os diferentes olhares sobre a imagem. Encerrando esse percurso, trago minhas reflexões e considerações finais, a partir destes momentos para entender o encantamento das ilustrações infantis no olhar das crianças.

Antes de seguir adiante com a leitura, traga consigo a lembrança dos seus livros ilustrados mais queridos na infância e faça desse trabalho de conclusão de curso uma forma de conversar com sua criança interior, uma maneira de se encontrar - ou se perder - em suas memórias. *Quais são estes livros?*

2 ENTRE PÁGINAS E MEMÓRIAS

Este trabalho fala sobre os livros ilustrados, memória e experiências, elementos que me representam como artista e arte-educadora. Um ponto de conexão entre o passado e o presente, como se fosse um reflexo do que um dia fui e do que eu quero ser. Uma linha que costura os momentos que me trouxeram até aqui, uma forma de representar o que aprendi no decorrer desta graduação, e sinalizar que ainda há muito a se conhecer através de recordações de minha infância. Aqui a reminiscência se torna pesquisa, se desenrola e leva o afeto até a teoria. As páginas desgastadas, cheias de rabiscos e rasgos se tornam essência da articulação.

A pesquisa se desenrola através da memória e do afeto, no qual o livro ilustrado convém como o material precursor de minha vivência artística, um guia no meu caminho como arte-educadora e um amigo que carrega minhas lembranças da infância. Paulo Freire (1987) comenta o quão fundamental é o afeto para o processo de construção de sentido e para educação no geral, e é através deste sentimento que inicio esta pesquisa. Através de relatos

personais, foco no material do livro infantil e no que ele pode agregar ao ensino da arte, e carrego nesta pesquisa o *encantamento*³ que encontro na tese de doutorado de Fabiana Pedroni Favoreto (2023), como uma inspiração no desenvolvimento deste trabalho.

Portanto, neste primeiro capítulo apresento minhas experiências artísticas pessoais através do livro e suas ilustrações, como ele se fez presente em minha formação e como ele pode ser importante para futuras gerações. Uma linha do tempo traçada pelo ato de lembrar e reconstruir a criança que habita em mim, incentivando o leitor a refletir também em sua jornada artística a partir de meus relatos.

³ Importante apontar que o “encantamento” possui diversas interpretações e histórias diferentes para diferentes culturas. Desta forma, minha versão do encanto ou a de Favoreto não são as únicas a serem validadas, mas elas dialogam com o livro ilustrado.

Figura 1 - Registro fotográfico na Livraria Cultura



Fonte: Elaborado pelo autor, 2015.

2.1 Reencontrar o que um dia já foi esquecido

Muitas vezes me questiono sobre minha capacidade como artista-educadora, em um mundo em que muitas pessoas já pensaram em diversas práticas transformadoras. *Quem sou eu?* Essa reflexão nociva que afasta muitos alunos das práticas educativas chegou até mim, me fazendo questionar meu potencial e muitas vezes me diminuir. Entretanto, em um período em que eu estava perdida, me deparei com a bagunça do escritório de meu pai, onde achei uma pequena parcela de mim que havia esquecido dentro dos meus livros ilustrados da minha infância

A ilustração sempre esteve presente em minha vida (Figura 1), desde os livros que minha mãe lia para que eu dormisse, ou para os livros didáticos que a escola oferecia, os desenhos me guiaram até a alfabetização e continuaram presentes em minha vida desde então. Nesse momento de reflexão, esse reencontro me conectou com uma parte de mim que eu já havia esquecido há muito tempo, uma parte encantada e inocente, com um imaginário e fantasia vasto, onde a pequena artista que existe em mim está. A paixão que sinto pela arte começou através dessas páginas ilustradas, elas que me guiaram para onde estou agora, e mesmo que

em minha adolescência eu tenha visto os livros infantis como coisas fúteis e sem graça, agora noto que eles são um portal atemporal de minha vivência como artista.

Folheando as páginas dos livros senti uma sensação de acolhimento e segurança, como um lembrete da minha infância dizendo que “está tudo bem”, extremamente necessário naquele momento. A princípio, interpretei essa situação apenas como um momento inusitado e querido que ocorreu em minha semana, mas após contemplar minhas memórias daquela época, notei que era algo que deveria ser revisitado e interpretado com maior cuidado e atenção. Através dessa situação, me aproximei novamente do livro ilustrado e decidi visualizá-lo agora com os olhos de uma educadora em formação, o tratando como um suporte potente para a formação de crianças.

Era um dia comum de faxina em minha casa, precisava dar um trato no escritório de meu pai, principalmente na estante que estava compondo poeira. Cheia de álbuns de fotos, livros sobre administração e economia, revistas cheias de recortes e outras coisas, haviam os livros infantis de quando eu era pequena. Meus pais doaram muitos deles,

porém sempre fizeram questão de guardar aqueles pelos quais eu mais tive carinho, uma forma de preservar um pouco de minha infância. Dentre os livros que achei, muitos deles foram presentes de meu pai, exemplares distribuídos pela empresa em que ele trabalhava através de um programa chamado *Leia para uma Criança*⁴. Meu pai trabalhava na área de Tecnologia da Informação dentro desta empresa e participava desse projeto social, onde conseguiu vários livros para mim e para minha irmã. Títulos como: *A árvore dos sonhos*, de Fabiano Alves Onça; *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Don e Audrey Wood (Figura 2); entre outros. As histórias abordavam temáticas diversas, mas compartilhavam uma característica marcante: ilustrações ricas em detalhes, com traços delicados e expressivos, com técnicas de pintura com aquarela, desenho com lápis de cor, colagens, etc.

⁴ *Leia para uma criança* é um projeto do banco Itáu que, desde 2010, incentiva a leitura do adulto para a criança, fornecendo livros infantis para seus funcionários. Meu pai recebeu os livros após realizar uma leitura para crianças em uma escola.

Figura 2 - Página do livro ilustrado: *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*



Fonte: Don e Audrey Wood, 1945.

O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado foi o primeiro livro que peguei para revisar. Ao folhear as páginas, fui tomada pelas ilustrações detalhadas que eu me recordava da infância, intactas pelo tempo. Na história, um pequeno ratinho encontra um grande morango maduro, ele e o narrador conversam sobre a ameaça de um urso esfomeado vir roubá-lo e pensam em formas de proteger a fruta do animal. A narrativa é bem simples, mostrando que não devemos nos agarrar em coisas fúteis pelo medo e sim aproveitá-las, e até mesmo dividir com amigos. Uma de minhas imagens favoritas é a do ratinho oferecendo ao leitor/narrador um pedaço do morango que ele tanto queria proteger, para que ambos pudessem desfrutá-lo juntos. Os detalhes da tinta e dos riscos do lápis são tão bonitos que por alguns minutos apenas fiquei analisando os detalhes daquela página.

Através deste livro, comecei a me encantar pelas minúcias, e me recordo de passar horas admirando as imagens, me importando muito mais com o que eu estava vendo, do que de fato lendo o livro. Na última página há um pouco sobre a história da autora Audrey Wood e do ilustrador Don Wood, que começaram a colaborar em livros infantis sete

anos depois de se casarem, criando histórias para seu filho e depois para crianças ao redor do mundo. Notei que junto aos outros livros da estante, havia mais um livro da autoria do casal: *Rápido como um gafanhoto*, que é um livro tão lindo quanto o outro. O cuidado nas ilustrações é o que traz essa beleza, os detalhes são muito bem trabalhados desde a pintura com aquarela e outros pontos do desenho que aparentam utilizar riscantes para trazer mais destaque. Todo o cenário da história é muito bem feito, desde as plantas no pequeno jardim até a casa do ratinho, há uma preocupação minuciosa em tornar esses espaços em realidade, tornando possível com que o leitor possa se sentir presente na história.

Logo após, comecei a buscar outros exemplares que meu pai havia me presenteado, e fui criando um pequeno acervo com os que encontrava, adicionando também outros livros que ainda estavam preservados dentro da estante. Relendo um por um, fui me encantando mais uma vez pelas imagens impressas nas páginas, como se o tempo não tivesse passado e eu ainda fosse aquela criança de cinco anos repleta de criatividade e inocência.

Figura 3 - Página do livro: *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*



Fonte: Don e Audrey Wood, 1945.

Lendo, fui criando em minha cabeça uma linha do tempo em relação ao meu encontro com o mundo das artes, *quando de fato ele começou?* Consumir arte nunca foi algo muito comum em minha família, principalmente, porque os principais museus e centros culturais se localizam no centro de São Paulo e nós somos do extremo Oeste da Grande São Paulo, especificamente, Barueri. As poucas formas de lazer dentro da minha cidade são os shoppings, feiras, centros comerciais e alguns shows, mas a questão de arte e cultura - pelo menos quando eu era criança - era muito precária, com

poucos incentivos ao acesso à música (erudita ou popular), teatro e exposições. Mesmo assim, meus pais se esforçaram para que minha irmã e eu tivéssemos o máximo de acesso à arte e cultura. De acordo com minha mãe, frequentar espaços culturais era uma forma mais acessível de conhecer coisas novas, e ela sempre fez questão de irmos, mesmo apesar do trabalho tomar muito do tempo dela e de meu pai. Nos fins de semana ou nas férias eles separavam lugares em São Paulo para visitarmos, compravam ingressos para irmos ao cinema ou assistir à alguma peça infantil, sempre fazendo questão de que tivéssemos acesso a esses lugares.

Um dos incentivos mais marcantes para mim foi a minha primeira visita à Pinacoteca em 2015. A exposição que fomos ver era de Ron Mueck, um escultor australiano que tem como grande diferencial as esculturas em grande escala, surrealista e ao mesmo tempo com detalhes hiperrealistas. Me lembro de estar super animada para ir, logo após ver as fotos no jornal televisivo, e minha mãe fez questão de nos buscar cedo da escola em um dia de semana para irmos na exposição. A fila era quilométrica, mas conseguimos entrar graças ao esforço de minha mãe e, com toda certeza, foi um dia muito marcante para mim, que carrego com muito carinho.

Figura 4 - Registro fotográfico de uma visita na Pinacoteca



Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Figura 5 - Registro fotográfico de uma visita na Pinacoteca



Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Mesmo com o esforço de meus pais, ainda íamos muito pouco em museus e exposições, por isso não considero que foi graças a essas visitas que eu decidi seguir o caminho artístico. Meu encanto pela arte surgiu antes disso, e considero que graças às ilustrações de meus livros ou pelos desenhos que eu assisti na televisão eu me aprofundi cada

vez mais nas técnicas do desenhar e do imaginar, as quais ainda venho evoluindo.

Em um dos comentários de Judith Lechner (1993), ela relata como as crianças conhecem desenhos e pinturas antes de conhecer museus e galerias, criando um repertório inicial sobre o mundo das artes visuais. Revisitando minhas memórias, um dos meus principais incentivos de começar a desenhar era copiar os desenhos das páginas dos livros ilustrados. Não restaram registros desses desenhos, apenas o relato de minha mãe que diz se lembrar de me ver passando horas fazendo isso. Não me recordo com que idade esse interesse começou, mas como meus pais compravam livros com desenhos desde que eu tinha um ano, creio que meu interesse surgiu não muito tempo depois, se mantendo firme até os dias de hoje e me fazendo questionar se, atualmente, as crianças também possuem esse mesmo interesse que um dia eu tive, se elas ainda seguem encantadas pelo que vêem nos livros (seja através da visão, do toque ou até da escuta, não importa a forma que a criança visualizar).

Figura 6 e 7 - Registros fotográficos de uma visita ao museu Catavento



Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Livros infantis possuem uma delicadeza em trabalhar temas importantes na formação das crianças, não se prendendo apenas em situações fantasiosas, mas abrangendo histórias sobre o cotidiano e problemáticas recorrentes, como problemas psicológicos, auto-aceitação,

ancestralidade, racialidade, distinção de classes sociais, gênero, sexualidade, e outros temas como aprender a contar e a aprender a ler. Hoje em dia, há várias formas de apresentar esses temas para os leitores e isso é um dos grandes prazeres que a leitura proporciona, porque apesar de ser retratada de uma forma “mais simples” essas situações existem em todas as fases da vida, aprender e reconhecê-las desde cedo é educar um futuro melhor.

A relação texto-imagem me fez refletir sobre o que define um livro ilustrado. Em meu pequeno acervo, noto que todos os livros possuem um texto que descreve a imagem com uma poética e delicadeza que torna possível a fácil compreensão para as crianças, entretanto, noto também que sem o texto ainda seria possível de entender a história, ou até mesmo criar uma totalmente nova. Em *Eu nunca leio, só vejo imagens*, de Amir Brito Cadôr, encontro o termo *picture book*, que nada mais é do que livros apenas com imagens, um gênero conflitante com a ilustração em livros infantis. Este vínculo dos dois termos foi um grande ponto de partida para refletir o que de fato é o livro ilustrado e determinar um ponto certo para diferenciar esses termos, que apesar de serem parecidos, ainda são opostos. Mas mesmo assim os livros

infantis, com ou sem texto, são grandes incentivos para a alfabetização, desenvolvimento crítico e interpretativo e impulso à criatividade.

Ainda vasculhando a estante empoeirada de meu pai, relembro da fantasia que sentia enquanto lia as páginas agora tão desgastadas; era como se o livro fosse um portal para um mundo cheio de magia. Esse pensamento me levou à memória de uma atividade na matéria *Ensino de Artes Visuais*, proposta por Leandro de Oliva Costa Penha, no primeiro semestre de 2025, no Instituto de Artes da UNESP, onde relatamos os pontos de nossa infância que nos guiam em nossa formação como arte-educadores. Meus colegas trouxeram diversos objetos, materiais e até criações artísticas que relataram suas conexões com a arte-educação, e dentre todos uma de minhas colegas levou um livro ilustrado de contos infantis. Em sua fala, ela⁵ relata sobre se imaginar vivendo dentro das ilustrações detalhadas de seu livro, o que se assemelhou muito a minha própria experiência como leitora na infância. Notei a partir deste relato que o imaginário infantil realmente é tão potente ao ponto de conseguirmos nos ver dentro de ilustrações. Essa capacidade fantasiosa e

⁵ Sem autorização para expor o nome.

encantadora é o que transmite a paixão que tenho por essa arte de ilustrar, quaisquer sejam os suportes, o artista consegue criar mundos e histórias que se desenrolam com o olhar de leitores e espectadores.

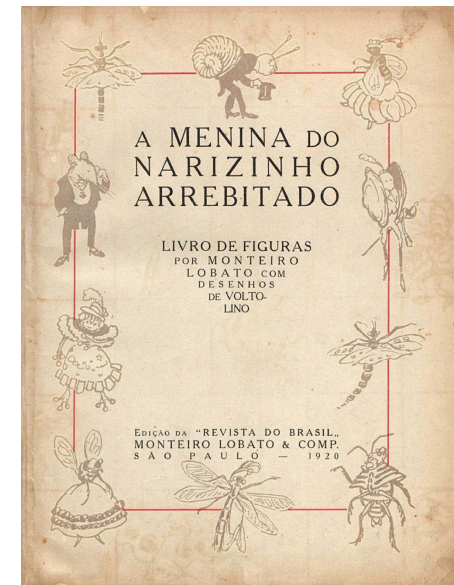
No livro *Problemas da Literatura Infantil*, Cecília Meireles (1984) comenta que mesmo quando não sabia ler ela conseguia imaginar os livros cheios de vozes, contando suas histórias ao mundo. Seu comentário se assemelha com o de minha colega e o meu, como se provasse que a imaginação é o precursor da interpretação das histórias, principalmente quando se está na fase de alfabetização. Já adulta, consigo compreender essa afirmação, já que me recorde de muitas histórias que li na infância possuírem finais diferentes do que o livro realmente possuía, já que na época interpretava a história da maneira que eu queria. Dentro do livro infantil, a história e o imaginário andam juntos, e apesar de muitas vezes ser interpretado por adultos - pais, mães, familiares de forma geral -, como fúteis, para a criança ela pode se tornar algo fantástico, muito maior do que podemos compreender.

Ao guardar o último livro novamente dentro da estante, me senti nostálgica após revisitar partes de mim que há muito tempo havia deixado de lado. Lembrei que um dos meus sonhos assim que comecei a estudar sobre educação, era de poder trabalhar com crianças pequenas, mas esqueci que para isso ser possível eu precisava estar em contato com a minha própria criança interior. Portanto, decidi iniciar esta pesquisa com o foco no principal material que me conecta com a arte desde pequena, que é o livro ilustrado. Aprender sobre como este suporte artístico é potente dentro do ensino infantil, é um aliado para arte-educadores que queiram trabalhar técnicas de criatividade, imaginação, e também auxiliar em fases de desenvolvimento da criança.

3 O QUE É O LIVRO ILUSTRADO INFANTIL?

Ao tecer minhas lembranças em relação com a delicadeza das imagens presentes nos livros ilustrados de minha infância, recupero um pouco de minha essência inocente e esperançosa, sentimentos que me alinham novamente com o caminho da educação, e que me revelaram novas formas de interpretar este material. Após esta reflexão, o foco da pesquisa volta-se totalmente ao suporte do livro ilustrado, para compreender *o que é?* Seus conceitos e sua poética serão nossos guias, uma proposta para apreciar e conhecer sobre o gênero artístico literário e sua importância. Além dos conceitos e do apreçamento desta linguagem, trago discussões importantes em relação às suas características e à presença das ilustrações dentro do suporte do livro. Dentre algumas delas a confusão sobre as semelhanças com outros formatos de livro-imagem, e o conceito de autonomia da imagem presente nas ilustrações nos livros ilustrados.

Figura 8 - vinheta para a menina do narizinho arrebitado, página de rosto.



FONTE: Editora Brasiliense, 1920

Lima (2019) apresenta que a confluência do ato de pensar e a visão que possuímos criada a partir dele, surge através da reflexão de nossa própria percepção de mundo e as vivências individuais de cada um. Essa capacidade de visualizar algo intangível como um pensamento é uma qualidade inerente de todo ser humano, que é o ato da imaginação. Tal habilidade surge da união de duas formas

distintas de expressão, sendo elas a *palavra* e a *imagem*, que se manifestam principalmente na relação milenar entre a literatura e a arte visual. A associação destas linguagens artísticas proporcionam a arte de ilustrar histórias e contos, que é o início do gênero de livros ilustrados. O significado de Ilustrar é “dar luz a uma ideia através de uma abordagem visual”, sua etimologia no formato original *Illustrare*, em latim, significa purificar ou iluminar (INFOPÉDIA, 2025). Dito isso a capacidade de revelar o imaginário, o intangível, é o precursor da literatura ilustrada, que possui raízes profundas em nossa história.

Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011) discutem como o livro ilustrado é visto como um *sinônimo* do livro infantil, embora sejam dois gêneros literários distintos. Há uma confusão em delimitar seus conceitos principalmente por possuírem características muito parecidas ou por se inspirarem um no outro, situação que os gêneros de livro-imagem e o livro de artista também participam desta discussão. Em minha pesquisa, o recorte é voltado apenas ao *livro ilustrado para crianças*, principalmente em como ele une dois gêneros em um só, porém é importante reconhecer as diferenças dos demais gêneros que também articulam texto e

imagem. Logo, esse momento é reservado para delimitar tanto as características da literatura infantil, do livro ilustrado e também apresentar outros termos de livro-imagem que, muitas vezes, são confundidos devido às semelhanças entre si.

3.1 A literatura infantil

A literatura infantil, como indiciado em seu nome é a criação de textos voltados para crianças, e é um dos gêneros que se encontra presente em grande parte dos livros-imagem, seja por causa da linguagem, formato, uso das cores, ou por se inspirarem em contos, cantigas populares, abecedários, álbuns de colorir, livros-jogos, livros-animados, etc. Meireles (1984) em suas palavras, afirma que apenas as crianças podem delimitar o que é a literatura infantil:

São as crianças, na verdade, que o delimitam com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil a priori, mas a posteriori. (Meireles, 1984, p. 20)

A autora também comenta sobre os problemas em delimitar esse gênero, sendo que não há como traçar um tema específico para crianças, e que o ato de simplificar, facilitar ou podar, não é o que irá definir se a história é voltada para as crianças ou não. Ela também aponta que antigamente as narrativas infantis eram de acesso geral e que apenas depois foram incorporadas em contos populares, folclores e

contos-de-fadas onde futuramente seriam separadas em uma categoria, a qual compreendemos hoje como *literatura infantil*. Portanto, Meireles comenta três tipos de livros que podem ser definidos como infantis:

[...] O primeiro caso de Literatura Infantil: a redação escrita das tradições orais - o que hoje constitui a disciplina do Folclore. Pode ser a redação direta, sem acréscimos, reduções ou ornamentos — e é o caso da coleção de contos dos irmãos Grimm, ou sofrendo a influência estilística do autor — como nos casos de Perrault, de Mme. d'Aulnoy, das fábulas e contos de *La Fontaine*. O segundo caso de Literatura Infantil é o dos livros que, escritos para uma determinada criança, passaram depois a uso geral, como aconteceu com as Fábulas de *La Fontaine*, As aventuras de Telêmaco, de Fébelon, e outros mais. O terceiro caso é o dos livros não escritos para as crianças, mas que vieram a cair nas suas mãos, e dos quais se fizeram depois adaptações, reduções, visando torná-los mais compreensíveis ou adequados ao pequeno público. (Meireles, 1984, p. 88)

Embora a autora entregue sua própria definição de livros infantis, a dificuldade em categorizar esse conceito permanece complicada. Há diversos livros, teses e pesquisas que tentam colocar em uma caixa a ideia desta literatura, o que pode parecer uma demarcação de território, limitando o potencial abrangente desse gênero. Um dos motivos dessa dificuldade é a instabilidade, pois muitas dessas histórias

voltadas para crianças não possuem atributos literários. Hunt (2010, p. 96) não se limita à uma definição própria do gênero literário, e comenta que se ao ler, com olhos cuidadosos e com a sensibilidade da infância, é claro para quem o livro se destina: “quer o livro esteja totalmente do lado da criança, quer favoreçam o desenvolvimento dela ou a tenha como alvo direto”.

Diante a esses tipos de livros, Cecília Meireles (1984) declara que a leitura durante a infância deve possuir qualidade, pois são importantes principalmente por marcar as memórias das crianças, além de revelar seus gostos e preferências, proporcionando o encanto que comento no processo da pesquisa. Barbieri (2017) comenta que apesar dessa necessidade, ainda há muitos casos de livros que são extremamente simplificados para as crianças, tratando-as como leitores “incapazes”, mesmo que geralmente são elas que mais se interessam pela complexidade das histórias e as formas em que elas são contadas. Hunt (2010) defende que a literatura infantil não deve ser algo simples e limitadora, que as crianças são capazes de interpretações estéticas de ordem diferente das dos adultos (SOARES, 2014, p. 33). Portanto é importante reconhecer os pequenos como verdadeiros

leitores, isso porque muitas vezes, é o livro infantil que antecipa o que será o livro no futuro (Cadôr, 2024), deste modo é necessário lidar de uma maneira sensível com a riqueza que pode ter uma obra de arte literária e visual para uma criança. A leitura não é para ser apenas um passatempo, mas sim uma nutrição (Meireles, 1984), sendo assim quanto mais nuances os livros possuírem em seus temas e propostas, mais as crianças podem mergulhar dentro das histórias e se envolverem com elas, seja pelas imagens ou pelo texto. Os livros infantis devem cativar o brilho no olhar, a imaginação, a fantasia e o mistério para que os pequenos possam descobrir a genialidade da sua intuição.

O fato de a criança tomar um livro nas mãos, folheá-lo, passar os olhos por algumas páginas não deve iludir ninguém. Há mil artifícios e mil ocasiões para a tentativa de captura desse difícil leitor. São os aniversários, são as festas, são as capas coloridas, são os títulos empolgantes, são as abundantes gravuras[...] (Meireles, 1984, p. 31)

O verbo cativar de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa significa: “conseguir ou dirigir a atenção, o interesse” (2025). Nesse sentido, há outros artefatos presentes dentro dos livros, além de suas histórias

envolventes que provocam a atenção das crianças. Como dito anteriormente por Meireles (1984), há diversas formas de alcançar o leitor-criança, dentre elas as cores e ilustrações. Desta forma é valioso pensar o livro como um todo, desde o texto às imagens, ao formato e até mesmo a originalidade que ele irá abranger os temas propostos para alcançar a atenção do leitor. Quando voltado para crianças, os autores e ilustradores buscam se aproximar delas a partir de uma percepção apurada do mundo, investigando meios a respeito da linguagem verbal ou visual para transmitir suas ideias e sentimentos (Cadôr, 2024). Dito isso, o uso de diferentes recursos é usado para melhor compreensão das histórias, dentre eles o texto-imagem. Ao ilustrar um texto, os artistas por vezes utilizam “critérios e conceitos tanto das artes plásticas quanto do design gráfico para poder interferir na forma do texto, transformando-o também em imagem” (Lins, 2004, *apud* Cadôr, 2024). Uri Shulevitz (1997) no livro *Writing with Pictures* [Escrevendo com Imagens] considera que o texto e a imagem interagem ao mesmo tempo que se complementam, defendendo que a ação representada no livro deve ser a mais natural e simples possível. A relação intrínseca da imagem e texto variam de acordo com a

proposta do autor, tendo em mente que o formato dos livros afeta sua apreciação, e o modo de contar é tão importante quanto a história a ser narrada (Smith, 2003). A utilização desses recursos de texto-imagem, a escolha do formato e modo da narrativa de suas histórias se define como parte do gênero do livro ilustrado, exigindo do leitor uma leitura integrada.

Em suma, de acordo com os demais autores apresentados nessa seção, a dificuldade presente em classificar o *que é* a literatura infantil existe porque são os adultos que procuram definições e conceitos para ela, sendo que na realidade apenas as crianças possuem essa capacidade. Essa ideia não está totalmente errada, entretanto em minha visão como pesquisadora acredito que os adultos são uma parte importante para esse gênero literário, já que a partir de suas histórias, pesquisas e reflexões a literatura infantil se torna possível. Deste modo, vejo esse gênero literário como a união da infância e da fase adulta para criar histórias, onde os mais velhos conseguem compreender o que será vantajoso para o aprendizado e também lazer infantil, enquanto as crianças serão responsáveis por aprovar, gostar e se interessar pelas histórias.

O prazer presente na leitura dos pequenos leitores é o que torna um livro em um *livro infantil*, seja devido aos artefatos ilustrativos ou por suas histórias. Logo, há a necessidade em abordar histórias e temáticas de uma forma sensível que possa exercer a criatividade, interpretação e fantasia nas crianças, não limitando-as com histórias simplórias, mas expandindo a atividade da leitura com propostas que as cativem.

3.2 O livro Ilustrado

Para Nikolaveja e Scott (2001), o livro não é um adorno, ele compõe a narrativa se tornando essencial para a sua compreensão. Dentro do livro ilustrado a imagem é indispensável, sendo uma co-autora da própria história, tornando a presença do texto não obrigatória. A depender da proposta escolhida pelo autor e/ou ilustrador, a imagem se torna autônoma, isto é, quando a ilustração se comunica por si mesma, refere-se à sua capacidade de atuar como elemento narrativo independente, capaz de construir significados próprios e dialogar com o texto verbal em pé de igualdade (Nikolaveja; Scott, 2001). Esse termo abrange

diferentes tipologias da literatura, dentre eles o livro de colorir, o *flipbook*, o livro-jogo, e outros formatos que não são propriamente literatura, mas se encaixam no suporte do livro.

Em muitos momentos, o livro ilustrado é tratado como se fosse *apenas* um suporte da literatura infantil, Maria Nikolajeva e Carole Scott até mesmo apontam esses termos como sinônimos no livro *How Picturebooks Work* [Como Livros Ilustrados Funcionam] (2001). Embora existam várias edições ilustradas voltadas ao público infantil, há histórias com ilustrações voltadas para diferentes idades, definindo esse gênero como uma arte intergeracional, já que é possível que crianças se interessem pelas imagens dos livros com temas mais maduros, assim como adultos também possam se interessar pelos livros infantis e suas ilustrações.

Em minhas palavras aponto que o livro ilustrado é um objeto de encantamento, seja pelo trabalho do ilustrador ou pela história, podendo ser admirado independente da idade do leitor. Essa admiração pela imagem pode ser vista em exposições de museus, galerias e acervos, Lechner aponta no artigo *Picture books as portable art galleries* [Livros ilustrados como galerias portáteis] de 1993 (Lechner, J.V, *apud* Cadôr, 2024), como livros ilustrados podem ser

pensados como um primeiro contato com galerias de arte, onde crianças podem conhecer desenhos e pinturas feitos nos livros antes de irem a museus ou galerias. Dessa maneira, o livro ilustrado atua como uma experiência intergeracional assim como são as exposições artísticas presentes em museus e galerias, sendo apreciado por todos. Todavia, as interpretações das ilustrações e até mesmo das histórias irão variar de acordo com as vivências de cada leitor ou leitora, fazendo com que a história possa ir a rumos diferentes.

Como podemos caracterizar o livro ilustrado? Para Nikolajeva e Scott (2011), ele é caracterizado pela interação do visual e o verbal, já para Sophie V. Linden (2011) a definição para esse gênero são as obras que possuem imagens espacialmente preponderantes⁶ em relação ao texto. Diante dessas autoras, o livro ilustrado é o formato onde o texto e a imagem dialogam entre si, entretanto essa característica também está presente no *livro de artista*, o qual

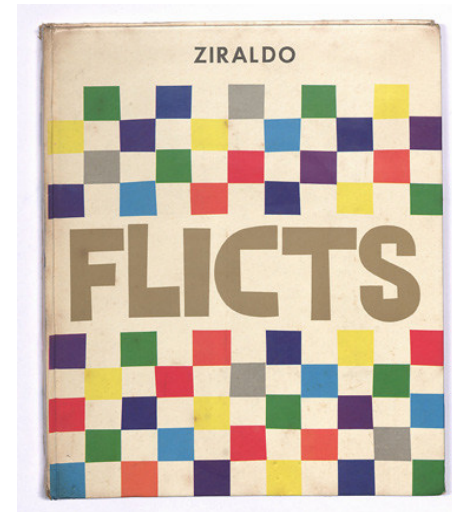
⁶ Nota-se que há diversas definições para o livro ilustrado, o que se torna uma discussão recorrente que varia de autor para autor. Deste modo, as definições de Nikolajeva, Scott e Linden não estão erradas, mas também não possuem toda a razão, isso pode variar pela interpretação de cada leitor- pesquisador.

também utiliza do texto-imagem em suas obras, causando uma grande confusão ao determinar as diferenças entre os dois gêneros.

Dessa maneira, é importante reconhecer o livro de artista quando falamos do livro ilustrado, pois apesar de serem termos distintos, ainda possuem grande familiaridade nos conceitos. Cadôr (2024) apresenta as principais diferenças entre os dois, uma delas sendo o período em que esses formatos surgiram, onde o livro ilustrado vem primeiro, ganhando grande poder e popularidade na Era da Revolução Industrial (1760-1840), e o livro de artista surge mais tarde em 1960, tendo conexão direta com o design gráfico e artistas contemporâneos. Ambos podem ser vistos como obras de arte, entretanto a diferença é que um é voltado para as artes visuais e outro para o campo editorial. Portanto, o livro de artista é uma obra pensada para o suporte do livro, como uma expressão artística que pode desempenhar diferentes funções, sejam elas narrativas ou anti narrativas. Enquanto o meio do livro ilustrado é voltado ao campo editorial com circunstâncias determinadas por ele, onde as imagens costumam contar narrativas (Cadôr, 2024).

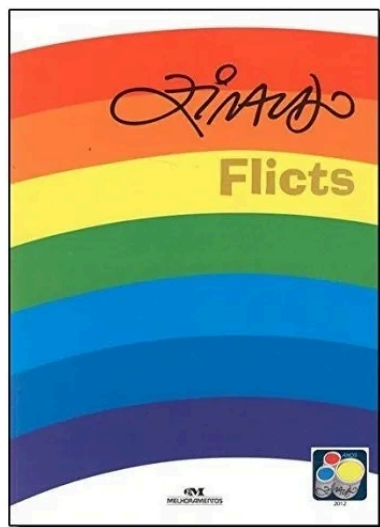
Um exemplo de livro ilustrado que se aproxima do livro de artista infantil é o *Flicts* (figuras 8 a 11), publicado em 1969 pelo cartunista Ziraldo. É uma publicação experimental onde “cor e palavra se desdobravam, unidas e mutuamente significantes” (Pontual, 1971, *apud* Silveira, 2001, *apud* C, 2024. p. 11), o qual foi apresentado como um livro de artista e até mesmo foi incluído na primeira Exposição Nacional de Livro de Artista no Recife em 1983, porém ele não se caracteriza dentro deste gênero artístico. Uma das características principais do livro de artista é quando o próprio autor ou autora é responsável pela concepção da obra, portanto todas as edições de *Flicts* deveriam se manter fiéis ao original, o que não aconteceu. O livro passou por diversas mudanças no decorrer de reedições, mudanças de formato, encadernação e até mesmo redução de páginas. Portanto, o livro de Ziraldo se encaixa no termo de livro ilustrado, já que o campo editorial ditou mudanças dentro da obra (Cadôr, 2024).

Figura 9 - Capa da primeira edição do livro *Flicts* de Ziraldo



Fonte: Site *Research Gate*, s.d

Figura 10 - Capa da edição de 2000 do livro *Flicts* de Ziraldo



Fonte: Ziraldo, 2000

Figura 11 - Aluna segurando o livro *Flicts*



Fonte: Registro feito pela autora, 2025.

Figura 12 - Aluna lendo o livro *Flicts*.



Fonte: Registro feito pela autora, 2025.

Outros termos que se assemelham com o livro ilustrado são as histórias em quadrinhos (HQs), livro-imagem,

flipbook, e o livro-álbum, formatos diferentes que compartilham a relação texto-imagem ou apenas o uso da imagem dentro desse suporte. Esses gêneros não se categorizam como livros ilustrados por diferenças de diagramação, formato, ou até mesmo propósito, sendo que alguns são apenas uma forma de expor (se aproximando do livro de artista) imagens. Por exemplo, nas histórias em quadrinhos Linden (2011) afirma que os painéis são feitos quadro a quadro, enquanto no livro ilustrado são feitos página a página. Portanto, há vários formatos que podem se assemelhar ao livro ilustrado, embora sejam termos singulares com propósitos variados.

O livro ilustrado é uma categoria presente dentro da literatura infantil como em outras literaturas que conta uma narrativa através do uso de imagens, possuindo ou não o apoio do texto. Ele se diferencia de outros termos devido a presença do campo editorial, seguindo diagramações e formatos decididos por editores e pela gráfica que mais conversem com a narrativa da história, sendo assim, o autor, a autora e o ilustrador ou ilustradora são isentos da área de concepção e publicação. Os livros ilustrados possuem diversos formatos, sejam livros feitos por tecido para crianças,

ou com papéis de diferentes gramaturas, o uso de imagens fotográficas ou ilustradas com diferentes técnicas, há diversas possibilidades dentro desse gênero literário o qual permite a criação de histórias fantásticas e muito belas.

4 O PERCURSO HISTÓRICO DO LIVRO ILUSTRADO

O início deste formato literário está em ligação com a história da ilustração, a história da literatura infantil e também com a história das técnicas de reprodução, três momentos marcantes na história da arte. Infelizmente, esses períodos são muito extensos para adicionar em apenas um capítulo deste trabalho, seria necessário debruçar sobre eles com mais delicadeza. Sendo assim, há a necessidade de um recorte para retratar momentos históricos importantes de uma maneira que não mude o foco da pesquisa.

Me recordo quando pequena, de acreditar que todos os livros ilustrados possuíam o mesmo formato, e apenas com a maioria fui conhecendo suas outras formas e modelos. É interessante notar as diferenças das ilustrações e gravuras em livros conforme os anos, deixando de serem apenas releituras das obras de pintores famosos para um gênero amplo e prazeroso da leitura.

Rui de Oliveira, ilustrador e professor aposentado é um dos principais nomes que guiam a linha do tempo da ilustração e do livro ilustrado. Sua pesquisa e trabalhos

artísticos são voltados para a arte de ilustrar livros. No projeto Salto para o Futuro (BRASIL, 2009) realizado pelo Ministério da Educação, o ilustrador participou ao lado de outros artistas ilustradores para falar sobre essa arte, trazendo reflexões acerca da constituição da ilustração de livros, desde sua relação com o texto literário, quanto ao estilo, e apresentando pontos importantes para a história desta arte. O principal recorte realizado por ele e também por mim é voltado à *Era de Ouro da Ilustração*, momento em que novas técnicas de reprodução começam a ganhar popularidade e que a ilustração e os livros ilustrados começam a ser exportados pelo mundo, ganhando grande potência no mercado.

Seguindo a linha do tempo, é importante reconhecer suas transformações devido ao avanço tecnológico das máquinas de reprodução de imagens e suas técnicas. Letícia Pedruzzi Fonseca, Doutora em Design (2012), a qual realiza ao lado de outros pesquisadores uma pesquisa sobre Julião Machado e as revoluções gráficas no Brasil, onde Fonseca é responsável pelo primeiro capítulo sobre “o *panorama da publicação periódica ilustrada brasileira no século XIX*”. Através deste trabalho, Fonseca (2016) desenrola momentos históricos importantes para as publicações periódicas que

ocorreram no Brasil através de revistas e jornais, modelos predecessores à publicação contínua de livros ilustrados. Esse curto recorte sobre publicações periódicas é necessário para aprofundar o conhecimento geral da chegada dos avanços gráficos presentes em editoras brasileiras e como através deles o livro ilustrado foi tomando seu espaço dentro do país.

Com a chegada das revoluções gráficas no Brasil através das revistas, é notável a distribuição dos livros ilustrados em grande escala, além do início do reconhecimento de artistas e ilustradores dentro da área da literatura infantil ilustrada. Graça Lima (2019), nos guia ao lado de Alexandre Guedes (2019), Cecília Meireles (1984) Rui de Oliveira (2009), são nomes que pesquisam tanto a ilustração em livros quanto nomes importantes para a literatura infantil brasileira, grandes referências que me baseio no decorrer deste capítulo. Reconhecer as transformações no formato do livro ilustrado infantil dentro do mercado editorial brasileiro é reconhecer a trajetória dessa arte milenar presente em nosso território e notar o quão potente ela se tornou na vida de crianças e jovens brasileiros.

4.1 A história da ilustração em livros

“A arte de ilustrar esta presente em todo ser humano, a capacidade de tornar o intangível em tangível se faz presente na arte do criar” (Guedes, Lima, 2019, p.1), portanto ela existe desde os primórdios da humanidade, tomando formatos e percepções diferentes de acordo com o local em que ela surge e nasce. Seguindo dentro da pesquisa dos dois autores, eles comentam como podemos notar que a arte de tornar algo visível pela ilustração está presente nas artes parietais e rupestres, nas cerâmicas chinesas na caverna de Xianrendong, no surgimento do papel na China, os rolos ilustrados na Índia e uma variedade de registros da cultura árabe, em todos os lugares do mundo a arte de contar histórias e registrar os acontecimentos através de ilustrações sempre esteve presente, evoluindo com a sociedade conforme os séculos (Guedes; Lima, 2019). Devido a grande pluralidade da ilustração conforme os anos e lugares por onde ela passou, há a necessidade de um recorte que aproxima essa arte com o suporte literário, isto é: A Era de Ouro da Ilustração na Europa e América (BRASIL, 2009, p. 12).

Esse período se inicia no século XIX até a década de 1930, onde a ilustração se individualiza como arte e começa a

compor os livros em grande massa, a escolha desse recorte é importante pois é nesse período onde a ilustração ganha relevância e potência no contexto mundial e no mercado comercial. Oliveira (BRASIL, 2009) aponta três motivos para a escolha desse recorte como um ponto de partida, sendo eles: o aspecto industrial, o estabelecimento de códigos na linguagem visual e, por último, os processos educacionais que começam a surgir na época, onde crianças começam a serem compreendidas e aceitas como “seres únicos”, que eu interpreto como pessoas independentes. Desse modo, cria-se um trajeto do período histórico da ilustração, iniciando através das tecnologias de impressão da era vitoriana (1837-1901).

É impossível dissociar o surgimento e a consolidação profissional de ilustradores especializados em histórias para crianças sem considerar as possibilidades técnicas que permitiram a reprodução em larga escala, com satisfatória fidelidade ao original do artista. Principalmente com a impressão da cor, recurso importante de comunicação e empatia junto ao público infantil. (BRASIL, 2009, p. 12)

Conforme dito anteriormente, a ilustração existe desde os primórdios da humanidade e foi ganhando relevância e espaço conforme os séculos foram se passando., A ilustração

em livros já existia muito antes da era vitoriana, embora naquela época as impressões fossem feitas a mão ou por técnicas de gravura manuais como xilogravura⁷, litografia⁸ e entre outras. Com a chegada da Revolução Industrial (1760-1840) essas técnicas começam a se tornar obsoletas, pois nesse período surgem inovações tecnológicas na área de reprodução de imagem, como a criação de prensas a vapor, que geram produções em grande escala, alta velocidade e com uma mão de obra bem mais barata, consolidando um comércio lucrativo (BRASIL, 2009, p. 13). A partir dessas inovações e mudanças, as ilustrações passam a ser cada vez mais requisitadas, abrindo um espaço no mercado para novos ilustradores emergirem.

Nesse período o conceito do livro ilustrado ainda deriva da tradição dos livros de pintor (*livres d'artiste*) que

⁷ É uma técnica que utiliza o suporte de madeira para replicar suas imagens, onde um artesão talha desenhos em blocos de madeira e aplica tinta sobre ela, colocando um papel ou tecido por cima e pressionando com uma bola de tecido para transferir o desenho no suporte escolhido (Lacerda, 2021).

⁸ Técnica onde o artista desenha com materiais oleosos sobre uma superfície de pedra ou chapa metálica, e depois através de um tratamento químico que fixa a tinta nas áreas desejadas, após esse processo é realizada a pressão que transfere o desenho ao papel (Itaú Cultural, 2025)

apresentam uma estrutura de composição que é habitual a todos eles: trata-se de um texto acompanhado por imagens, mesmo que os dois ocupem a mesma página (Cadôr, 2024, p. 9-10). Segundo Oliveira (BRASIL, 2009) isso começa a mudar um pouco depois, junto a concepção da infância, a qual passa por mudanças após perceberem a necessidade de corrigir maus hábitos presentes no trabalho infantil, principalmente a educação e moralidade. Diante a essa demanda, o conceito da infância começa a nascer, criando um público novo para o mercado, surgindo produtos e necessidades voltadas para os pequenos e pequenas. Importante esclarecer que a ênfase está sendo dada ao período vitoriano (como o início da atividade profissional de ilustradores de livros para crianças) nesse recorte, mas isso não ignora o fato de que em outros países, na mesma época já existissem o costume de ilustrar clássicos para o público infantil. Dito isso, os contos de fadas já eram populares na França através de Charles Perrault com “Cinderela”, e na Alemanha com contos como “Branca de neve” dos Irmãos Grimm. Esses autores ganham cada vez mais atenção de pintores, gravuristas e ilustradores conforme suas histórias ganham popularidade, os quais começam a ilustrar esses contos fantasiosos no período de 1790 até 1870

(BRASIL, 2009, p. 15). A partir desse costume, começa a surgir um movimento com o nome de *fairy painting*, composto por diferentes artistas que abordaram conceitos como o escapismo e a convenção visual através de suas pinturas e ilustrações, onde os leitores poderiam visualizar um mundo mágico e fugir da realidade pobre e grotesca do cotidiano. Artistas como Richard Dadd, John Anster Fitzgerald e Sir Joseph Paton são nomes importantes nesse movimento (Vault, 2025). Durante esse período e os avanços em técnicas de reprodução, o suporte do livro começa a ganhar visibilidade, portanto as pinturas de contos logo se tornam ilustrações variadas, realizadas por outras técnicas como desenho, gravura, aquarela e entre outros.

Figura 13 - *O intruso* de John Anster Christian Fitzgerald, 1865



Fonte: Fitzgerald, 1865. Disponível no site Solo ARTE

Figura 14 - Ilustração de, Sr. Joseph Noel Paton, A disputa de Oberon e Titânia, 1844



Fonte: Sr. Joseph Noel Paton, 1844. Disponível no site Wikipedia

Figura 15 - Ilustração de Carl Offterdinger da tentativa de assassinato de A Branca de Neve, 1812.



Fonte: Carl Offterdinger, 1812. Disponível no site *Wikimedia Commons*.

Os livros de contos de fadas ilustrados se tornam extremamente populares conforme os anos vão se passando, marcando o período de seu ápice no começo de 1880 até seu declínio em 1940, período que recebeu o nome de a Era de Ouro da Ilustração (*The Golden Age of Illustration*). Oliveira (BRASIL, 2009) apresenta esse período como um grande momento para os ilustradores, isso porque os livros ilustrados começam a receber cada vez mais populares, tornando a carreira cada vez mais promissora para os artistas da época. Nesse período, artistas como: Arthur Rackham (1867-1936),

Gustave Doré (1832-1883), Kate Greenaway (1846-1883) e outros artistas ganharam popularidade através de suas obras presentes em livros, se tornando referências na área.

Rackham marca suas obras através de um estilo único e sombrio através da pintura aquarela, abordando o tema de estranhamento nos contos de fadas, como Alice no País das Maravilhas (Figura 17), o blog online *The Marginalian* escrito por Maria Popova (2016) comenta um pouco de como suas ilustrações foram uma das mais populares dentre as outras edições deste conto e revolucionaram as ilustrações em livros. Doré já era renomado como um ilustrador dramático antes do período de ouro da ilustração, participando como ilustrador em contos, livros como a Divina Comédia de Dante e até mesmo a Bíblia *Vault* (2025, Figura 15). Por fim, apresentado pelos editores da enciclopédia *Britannica* (2025) Greenaway foi uma renomada ilustradora de livros infantis, tendo participado de contos como o Flautista de Hamelin (Figura 16) e também histórias autorais.

Figura 16 - Ilustração O Dilúvio de Gustave Doré para a Bíblia, 1866.



Fonte: Gustave Doré, 1866. Disponível no site *Vault*.

Figura 17 - Ilustração do Flautista de Hamelin por Kate Greenway da edição de 1888 de Robert Browning



Fonte: Kate Greenway, 1888. Disponível no Site Britannica.

Figura 18 - Ilustração de Arthur Rackham para o livro Alice no País das Maravilhas, 1907



Fonte: Arthur Rackham, 1907. Disponível no site *The Marginalian*.

De acordo com Oliveira (BRASIL, 2009) ainda dentro do período da Era de Ouro, a ilustração passa por mudanças, adquirindo influências de outros movimentos artísticos como Art Nouveau e do Japonismo. Devido a essas influências, a estética dos livros ilustrados começou a mudar gradativamente, tornando esse suporte cada vez mais popular. Devido ao grande interesse, ilustradores começaram a ser reconhecidos por suas artes, se tornando quase “celebridades”, sendo diversas vezes reconhecidos na rua por seus nomes e rostos.

No final da Era de Ouro, em 1920, a ilustração começa a perder sua fama devido a popularização da fotografia, fazendo com que muitos dos livros ilustrados deixem de ser publicados devido a falta de demanda do público. Embora tenham perdido sua popularidade, as edições de livros ilustrados permaneceram no mercado através de livros especiais (com mais detalhes e criando edições limitadas de algumas edições), que foram diminuindo devido ao alto custo de produção. E por fim, em 1930, o momento glorioso da ilustração americana acaba.

4.2 A ilustração em livros no Brasil

Nesse momento, a ilustração passa por diferentes formas até chegar no livro ilustrado que conhecemos hoje. No Brasil, sua história não é linear, Graça Lima e Alexandre Guedes (2019) explicam que até a chegada da família real portuguesa no país, era vedado qualquer tipo de produção editorial. Sendo assim, apenas em 1808, com a criação da Imprensa Régia começa a surgir a indústria editorial, embora só ganhe força após a segunda metade do século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Para contextualizar a chegada dos livros ilustrados ao país, é necessário um breve panorama histórico da reprodução gráfica, o que inclui um pouco sobre as publicações periódicas no Brasil, segundo Fonseca (2016).

Antecedendo os livros, as revistas periódicas ilustradas foram importantes para estabelecer o mercado editorial no Brasil. Utilizando técnicas de reprodução de imagem como litografia, essas revistas possuíam um conteúdo satírico-humorístico, com caricaturas e textos para entreter os leitores em seus momentos de folga. Durante 1865 até 1895 houve mais de sessenta revistas ilustradas circulando pela cidade do Rio de Janeiro (Teixeira, 2001, *apud* Fonseca,

2016), dentre elas: A Semana Ilustrada, A Vida Fluminense e a Revista Ilustrada.

Figura 19 - Cabeçalho litografado da Revista Semana Ilustrada

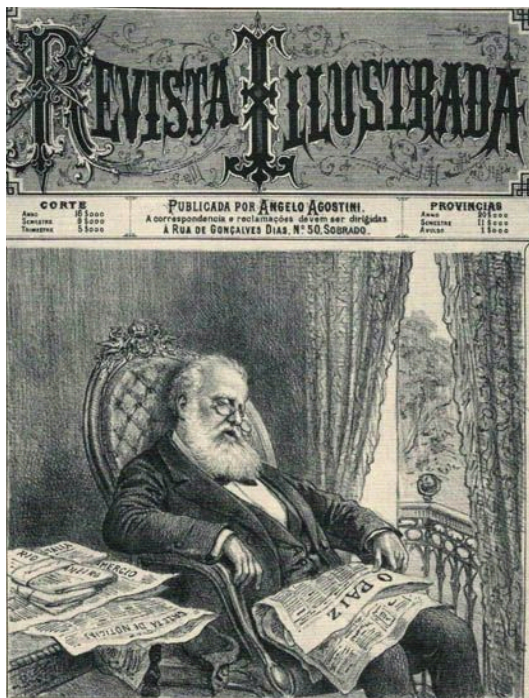


Fonte: Wikipedia, s.d

No período do Segundo Reinado as revistas ilustradas foram ganhando visibilidade ao lado dos jornais diários, criando lugares de destaque como um veículo de ideias e espaço de expressão da imaginação social, o diferencial entre os dois foi o uso das imagens presentes dentro das revistas ilustradas, já que raramente os jornais utilizavam-as. A novidade de usar as imagens na construção narrativa

jornalística tornou as revistas ilustradas um marco importante na história da ilustração brasileira (Knauss, 2011, *apud* Fonseca, 2016).

Figura 20 - Capa da edição nº 450 da Revista Ilustrada de 1887, retratando um velho imperador Pedro II



Fonte: Revista ilustrada, 1887. Disponível no Site Elite Colégio e Pré-Vestibular

Fonseca (2016) e Lima (2019) comentam a importância da produção editorial brasileira e como ela foi extremamente influenciada pela ilustração portuguesa, a qual foi marcada por nomes como Rafael Bordallo Pinheiro (1846-1905) e Julião Machado (1863-1930). O segundo artista é o foco da pesquisa de Fonseca (2016), que foi um dos primeiros ilustradores do Brasil.

Além de ilustrar diversas revistas periódicas, Machado foi responsável por ilustrar um dos primeiros livros ilustrados, “Lendas Brasileiras”, uma coleção de 27 contos para crianças da escritora Carmen Dolores (1852-1911). Marcada como uma das primeiras obras ilustradas no país para o público infantil sobre o imaginário local, Machado ilustra contos do folclore brasileiro como saci-pererê, mula sem cabeça e entre outros, fugindo do padrão eurocêntrico. Mas essa abordagem só ganhará maior reconhecimento e força na década de 1920 (Lima e Guedes, 2019).

Seguindo adiante, o período de 1920 pode ser dividido em “antes e depois do Monteiro Lobato”, Guedes e Lima (2019) apontam que o autor notou uma necessidade de melhorar o parque gráfico, Um conjunto de empresas gráficas, que engloba todos os maquinários necessários para

a produção (impressão ao acabamento) de livros, revistas, jornais, etc (RECIFE, s.d). O autor notou que os livros infantis disponíveis no Brasil eram predominantemente estrangeiros e ilustrados em preto e branco, portanto ele decide investir na autonomia cultural brasileira, criando coleções baratas como: A Biblioteca de Autores Brasileiros, e os livros infantis do Sítio do Pica-Pau Amarelo (BRASIL, 2009). Sua ação foi um sucesso, e a partir desse momento, criou-se um mercado comercial de ilustradores no Brasil onde artistas poderiam crescer dentro da comunidade através da ilustração de livros.

Em 1970, surgem experimentações dentro do conceito do livro infantil, principalmente em relação ao texto-imagem, que foram mencionados anteriormente na seção sobre o livro ilustrado. Apesar do período ser marcado pelo obscurantismo do regime que discriminava o conteúdo das obras, algumas das ideias dos anos 1960 tiveram grande impulso nos anos 1970. Nesse momento, o livro ilustrado e suas obras já são vistos como produtos para o público infantil, com uma narrativa textual e visual mais simples. Algumas das obras mais marcantes desse período dentro da literatura infantil como a Coleção Gato e Rato com as ilustrações de Eliardo França; Flicts, de Ziraldo; O Menino Mágico, de Gian Calvi e

outros artistas, que utilizam técnicas variadas e novas dentro do suporte (BRASIL, 2009). Nessa década, Lima (2019) apresenta que a Editora Ática dá um grande impulso na literatura infantil, lançando diversas propostas gráficas inovadoras e criando um divisor de águas na produção editorial no Brasil.

Na década de 1990 até o presente momento, o livro ilustrado passou por diversas reinvenções, sendo um tema amplo dentro da história, das artes visuais e do design gráfico. Nesse período criam-se discussões sobre as raízes brasileiras como pauta nos livros, há uma preocupação em diagramação e cores nos livros. Nomes como Odilon Moraes, Mariana Massarani e Elizabeth Teixeira ganham destaque nessa época. A partir desse período, o livro ilustrado começa a ganhar autonomia aos poucos, principalmente por ser uma das primeiras fontes de aprendizado para crianças. Devido a isso, o surgimento de livros ilustrados com pautas diversificadas e inclusivas são apresentados cada vez mais, utilizando de diferentes técnicas além do desenho para compor suas imagens, colagens, composições fotográficas, relevos, etc. (BRASIL, 2009)

A história do livro ilustrado no Brasil apesar de não ser linear, apresenta uma constância em se reinventar e trazer técnicas novas ao público. Ela compõe diferentes momentos importantes dentro da história da educação brasileira e na formação das crianças, além de também ser um suporte valioso para muitos artistas de diferentes épocas no Brasil.

5 O LIVRO ILUSTRADO NA ARTE EDUCAÇÃO

A Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. (Barbosa; 2010, p. 4).

Após esta citação, relaciono a arte da ilustração com a educação a partir de um questionamento que levantei no início desta pesquisa: *“Por que devemos falar do livro ilustrado no contexto educativo?”*. Quando descrevo parte de minhas lembranças no primeiro capítulo em relação ao livro ilustrado, reconheço que através desse suporte algo em mim “acendeu” e o sonho de seguir a carreira artística nasceu, o qual tem se tornado realidade no decorrer desta graduação. Apesar de querer ser artista quando criança, eu nunca havia imaginado a possibilidade de me tornar professora de artes, isso apenas surge dentro da faculdade através das aulas de licenciatura, que me abrem portas para o mundo da arte-educação. Embora meu encontro com a arte de ensinar tenha surgido apenas em minha fase adulta, vejo com outros olhos o livro infantil ilustrado, interpretando-o como um “portal” que além de apresentar imagens elaboradas, poemas

e histórias bonitas, há um imenso potencial pedagógico presente em suas páginas.

O livro ilustrado ocupa um espaço central na formação estética e intelectual das crianças, utilizando um tom mais sensível e abstrato em sua produção. Nota-se como principal contribuição deste suporte à alfabetização infantil, Dondis (*apud* Munhoz 2022) relata que a visão é quem define o ato de ver em todas as suas ramificações, e através deles que identificamos todo material visual elementar de nossas vidas. Ao observar o texto-imagem presente no livro ilustrado a criança desenvolve competências interpretativas, que favorece a compreensão narrativa, e também alimenta o repertório visual.

Além de proporcionar esse desenvolvimento nas crianças, o livro também pode ser considerado um mediador cultural quanto um instrumento interdisciplinar (Barbosa; Coutinho; Sales, 2005). Cada história presente dentro desses livros carrega marcas do tempo, lugar, estilo próprio e valores sociais que serão transmitidos para os leitores, com repertórios valiosos para a formação de pequenos e pequenas e também um suporte gerador de experiências intergeracionais de fruição estética quando utilizado em

atividades de leitura com os pais, mães, avós, os professores, as professoras ou outros mediadores e mediadoras. A literatura infantil com ilustrações pode incorporar práticas pedagógicas de diferentes temáticas, onde crianças podem reconhecer que o papel da arte presente dentro desses livros não se limita apenas às histórias. Anteriormente, relato que a ilustração torna-se uma linguagem autônoma (Nikolajeva; Scott, 2001), deixando de ser um recurso complementar ao texto escrito e ultrapassando a dimensão estética, deste modo, podendo adotar a função própria dentro do mundo artístico e educativo, agindo como mediadora entre a imagem, palavra e conhecimento.

A alfabetização visual consiste na capacidade de perceber, decodificar e atribuir sentido às imagens (Dondis, 1997, *apud* Munhoz, 2022). Portanto, ao entrar em contato com uma ilustração, o observador inicia um processo de análise semelhante ao que ocorre diante de uma obra exposta em um museu ou galeria, é por meio deste exercício que relacionamos o mundo real às imagens, criando significados e ampliando o nosso próprio repertório cultural. Dito isso, dentro da educação, a ilustração torna-se um recurso essencial nesse processo de alfabetização visual.

Trago a fala do pesquisador e professor de ilustração infantil Rui Oliveira (BRASIL, 2009) que questiona a forma que alfabetização visual é colocada em aula:

Infelizmente, priorizamos para as crianças, de forma até perversa, o aprendizado da leitura das palavras como um atestado de alfabetização. Seria mais conveniente se, nas escolas de educação básica, a iniciação à leitura das imagens precedesse a alfabetização convencional. (BRASIL *et al*, 2009, p. 5)

Esta reflexão que Rui traz é pertinente ao destacar essa inversão de prioridades, concordo com sua fala ao considerar que a criança, desde os primeiros anos de vida, estabelece contato com o mundo com o olhar⁹, assim como os demais sentidos. Desse modo, a alfabetização visual deveria anteceder e preparar o caminho para a alfabetização convencional, possibilitando que a criança interprete formas, símbolos e narrativas visuais mais cedo, formando uma base perceptiva e interpretativa bem mais ampla. Ademais, através da proposta do aprendizado visual anteceder o “convencional” mais pessoas com um olhar crítico para diferentes linguagens

⁹ Destaco que a ilustração apesar de ser uma técnica “visual”, ela não se limita apenas à visão, podendo ser “vista” através dos outros sentidos como: o tato e a audição através de materiais táteis e leituras orais.

visuais, desde a arte, filmes, música, e outros, viriam ao mundo, cultivando o contato artístico sensível desde cedo.

Em A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam de Paulo Freire (2022), o autor comenta como que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, se relacionando com o pensamento de Rui de Oliveira (BRASIL, 2009). Comento em meu relato sobre o encantamento que vivenciei através dos livros ilustrados, mas eu só o tive devido a visão de mundo que eu tinha, das coisas que eu conhecia através de minha visão. Novamente mantenho minha posição de que a alfabetização visual é um exercício que deveria ser trazido à tona antes da alfabetização convencional com palavras, para que crianças desenvolvam um olhar sensível ao mundo.

Além de representar a visualidade de objetos reais, a ilustração também cede espaço para o universo do imaginário, permitindo que o ilustrador crie mundos novos por meio de sua arte e que o leitor possa ampliá-los. Como aponta Van der Linden (2011), o livro ilustrado propicia uma leitura visual que amplia o imaginário e favorece a construção de sentidos múltiplos. Nessa mesma direção, Ostrower (1977) destaca que a criatividade é um exercício essencial na

formação humana, estimulando a capacidade de invenção e de reflexão estética. Desta forma, o poder da criatividade é importante tanto para quem ilustra, quanto para o observador e para o mediador-professor, porque através desse momento, cada pessoa cria uma linha de interpretação diferente, criando uma troca de interpretações diferentes e noção sobre discussões. Esta capacidade do imaginário amplia a interpretação de cada indivíduo, independente do suporte em que está, a capacidade de criar algo novo que possa gerar discussão ou até mesmo uma roda de apreciação é necessária para formar o ser humano. Portanto, a ilustração cria esta ponte entre o mundo real e o imaginário, exercendo um papel fundamental na criatividade infantil e no desenvolvimento de interpretação visual. Após analisar, vejo como uma pesquisadora que através dessa característica a criança é incentivada a desenvolver uma sensibilidade estética e leitura crítica, para discernir as coisas que vê e também criar no imaginário, contribuindo no desenvolvimento de pessoas mais atentas e criativas.

Adiciono que através desta capacidade de criar algo fantasioso, sejam crianças, pessoas adultas, ou idosas, os observadores sempre ficam fascinados com o que vem,

tocam e interagem, proporcionando a admiração estética e também curiosidade sobre o que está sendo descrito através da imagem. Trago novamente minha vivência na escola, onde via em livros infantis a presença de criaturas fantásticas detalhadas nos livros, imaginava por horas se elas existiram de verdade algum dia, na infância temos esse questionamento por não conhecermos “tudo” (questionamento que seguirá para o resto de nossas vidas, já que é impossível conhecer tudo em uma vida apenas), porém nota-se que cria uma discussão interna, sobre como o “artista chegou nessa ideia?” ou “será que existiu mesmo?” - discussões que fomentam o pensamento crítico e o discernimento do que é real e imaginário.

A ilustração na educação também é presente de maneira interdisciplinar, não se limitando apenas ao ensino e aprendizagem de arte, mas agindo em diversas áreas como: literatura, história, geografia, matemática, entre outras. A frase pejorativa - “É preciso desenhar para entender?” - é um exemplo de como a ilustração facilita na interpretação de tópicos mais complicados, criando modelos simplificados para que alunos possam aprender. Seja sobre partes do corpo, exemplos de como as fórmulas de física funcionam, a

ilustração em livros educacionais se faz presente em todas as atividades, usada como fundamentos para o aprendizado.

Concluo após esta análise que o papel da ilustração dentro da arte-educação é a mediação da visualidade. Escrevo isso porque através dela que podemos visualizar coisas que primeiro não existem, são fantasiosas; segundo, exemplificar através da imagem algum assunto; terceiro, evidenciar situações do nosso cotidiano com sensibilidade. Desta forma, mesmo sem o texto, a ilustração toma a autonomia de trazer tópicos de um modo informal e de fácil compreensão, sendo essencial para a formação do aluno.

Com base nestes estudos, somei à jornada de investigação, uma experiência pedagógica que apresento a seguir.

6 EM BUSCA DO ENCANTO DAS CRIANÇAS: uma oficina pedagógica

Enquanto relia os meus livros e procurava fotografias de minha infância, fui tomada pela nostalgia e o sentimento inocente de fascínio em relação aos detalhes das ilustrações, ao tomar isso como inspiração para a pesquisa voltada a este suporte, levei em consideração meus afetos por ele, porém notei que deveria considerar como é a relação entre o suporte e o público infantil atual. Durante a pesquisa comecei a me questionar sobre as novas gerações e seus encantos voltados às ilustrações: será que elas seguem encantadas? Elas ainda se interessam pelas histórias ilustradas e os livros? Questões que definem que esta pesquisa não é apenas baseada em minha relação com o livro, mas com as crianças de agora e também das crianças que virão a se interessar pela leitura-imagem.

Esse questionamento foi pauta em uma conversa com colegas de minha faculdade, onde todos chegamos a conclusão que as crianças permanecem sim interessadas e sentem prazer ao encontrar as ilustrações presentes nos livros infantis. Apesar desta resposta coletiva,

ainda não me encontrei satisfeita, pois é quase senso-comum notar o interesse da criança pelo livro ilustrado. Todavia, minha pergunta acabou se transformando e tomando outro caminho, para: *como esse encanto se manifesta?* Como as crianças reagem à leitura dos livros e como podemos analisar isso, interpretando o encanto como um sentimento de fascínio, inocência, fantasia e imaginação. Para encontrar a resposta de minha questão, ao interseccionar a pesquisa teórica com a abordagem autoetnográfica, elaborei uma proposta de observação e coleta de dados em uma escola infantil. Decidi basear este momento da pesquisa de campo em uma oficina de leitura, com referência do livro *Estratégias de Leitura* (Solé, 1992), com intervenções de pintura, propondo também a leitura individual de cada aluno, onde eu pudesse observar de longe as interações das crianças com seus livros. Em diálogo com meu orientador, busquei escolas de diferentes territórios em São Paulo que pudessem aceitar a minha proposta de oficina. No processo de busca, não me identifiquei com nenhum dos lugares, pois procurava uma escola infantil com crianças que ainda não haviam sido alfabetizadas, para entender como os pequenos e as pequenas compreendem as histórias sem a intervenção do

texto, e infelizmente todas as escolas que haviam retornado o convite não se encaixavam neste recorte. Já muito aborrecida, estava preparada para desistir e focar esta parte da pesquisa em fundamentos teóricos baseados em pesquisas alheias. No entanto, após muita procura encontrei uma escola próxima de minha casa que se encaixou perfeitamente nas necessidades específicas do recorte que eu buscava.

A escola de educação infantil *Bloom*, localizada em Barueri, na Grande São Paulo, é uma escola privada que atende desde o berçário até as crianças de seis anos, inspirada na abordagem Reggio Emilia, onde a criança é a protagonista e construtora do seu próprio aprendizado. Meu encontro com a escola foi inesperado, já que foi uma recomendação de minha mãe. No primeiro instante já me identifiquei com a escola e os educadores, os quais permitiram a realização da oficina para esta pesquisa. A realização da oficina teve todo o apoio da escola, desde o espaço até os materiais, além da permissão de registros fotográficos.

6.1 Objetivo e Metodologia

A oficina esteve voltada para crianças de três a cinco anos de idade em processo de alfabetização, com o objetivo de observar e analisar a interação dos alunos e alunas com os livros ilustrados infantis, desde como interpretam as histórias à opinião sobre as figuras ilustradas, também apresentando o formato do livro e estimular o interesse por este suporte. Este processo foi registrado em fotografias, gravações de áudio e anotações.

Seguindo a proposta de que “a leitura para crianças tem que ter uma finalidade que elas possam compreender e partilhar” (Solé, 1998, p. 5), a oficina foi dividida em dois momentos: leitura e prática. O ponto inicial foi a apresentação dos livros, os quais alguns são de meu acervo pessoal e outros que eu encontrei no início da pesquisa. Desta forma dispus os livros com os quais me encantei na infância e os apresentei para as crianças, buscando relacionar as interações deles com as de minha infância.

Em seguida, após a escolha dos livros decidida pelos alunos, ocorreu uma leitura compartilhada onde eu, como mediadora, apresentei o livro escolhido, porém quem contou a história foram as próprias crianças. Após a leitura

compartilhada, disponibilizei os livros para cada uma, permitindo uma leitura individual sem auxílio, onde assim cada uma interpretava a história de sua maneira sem a intervenção de um adulto, permitindo que eu analisasse de longe.

Por fim, realizei a parte prática: em pequenos grupos, disponibilizei o material para as crianças criarem o seu próprio pequeno livro ilustrado, podendo experimentar um pouco da técnica e se divertirem no processo.

6.2 Preparação da Oficina

Para a realização da oficina, primeiro apresentei o meu breve planejamento do que seria feito com os alunos da escola, para que as diretoras aprovassem o projeto e eu pudesse dar continuidade na pesquisa. Portanto, criei um plano de atividade para organizar os passos necessários para a oficina e também para que as professoras e diretoras pudessem entender o que seria apresentado.

Tabela 1 - Planejamento da oficina

Etapa	Ação	Detalhamento	Duração	Técnicas de registro
1	Conversa	Apresentar proposta da oficina	x	Diário de bordo
2	Compra de materiais	Se necessário, comprar materiais para realizar a oficina: Papel A4, lápis de cor, giz de cera, tinta, pincel.	x	Diário de bordo
3	Apresentação	Me apresentar e apresentar a pesquisa para os alunos. Apresentar os livros que trouxe para os alunos e analisar como eles interagem com os livros, momento para eles brincarem com as páginas, folhearem	15min	Fotografia
4	Leitura coletiva de livros ilustrados	Em roda, iniciar a leitura dos livros que disponibilizei para a oficina, ou de outros livros. Leitura lúdica, trazendo objetos que conversem com a história do livro (brinquedos, objetos cênicos).	30min	Fotografia
5	Desenho dos alunos	Propor a ideia dos alunos desenharem ou pintarem o que entenderam das histórias, com propostas base: Desenhar o que entendeu da história; Desenhar o que imaginou da história; Copiar desenhos dos livros	20min	Fotografia
6	Conversa Final	Apresentação dos desenhos e conversar sobre os livros favoritos das crianças.	10min	Fotografia

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Logo após a apresentação do plano de atividade, iniciei a curadoria dos livros que seriam mediados. Separei os de minha infância para que os alunos conhecessem um pouco sobre mim e meu interesse pelos livros ilustrados, e assim me relacionar com as crianças e suas interações no decorrer da

oficina. Dentre os meus livros escolhidos estão¹⁰: Enquanto eu Cresço; E o Dente Ainda Doía; Ou Isto Ou Aquilo; Mel e Milu; *A Árvore dos Sonhos*; *Girassóis*; *Lino*; *Rápido como um Gafanhoto*; *O Ratinho*, *O morango Vermelho Maduro* e *O Grande Urso esfomeado*. Também peguei emprestado um livro do acervo do cursinho Prévia do livro¹¹: *Meu Crespo é Rainha* de Bell Hooks.

A tabela foi criada em agosto de 2025, porém até a realização da oficina, que ocorreu no dia 1 de Outubro de 2025, ela passou por diversas alterações. Algumas dessas mudanças foram que a compra de materiais acabou não sendo necessária, já que a escola forneceu o que era preciso para que a oficina acontecesse. Além disso, a criação de pequenos livros ilustrados por desenhos também foi descartada, já que todos os grupos optaram pela realização de pinturas em seus livros. Devido a essa alteração foi muito

mais fácil colocar a oficina em prática, para que ela fosse realizada o quanto antes.

Para a realização dos registros optei por três modos: a gravação de áudio, registros fotográficos e um pequeno diário de bordo para anotações. Através desses meios, consegui registrar os momentos e as falas dos alunos, além de minhas próprias reflexões durante o processo. Apesar da oficina ter durado apenas um dia, ainda continuei visitando a escola e fui analisando um pouco mais dos alunos conforme os dias foram se passando, relacionando algumas de suas ações com os resultados da oficina.

¹⁰ A curadoria desses livros refletem um traço da minha infância, já que são os livros que lia quando pequena. Portanto, quase todos os livros presentes são um traço de minha personalidade que busco apresentar às crianças.

¹¹ O livro de Bell Hooks é o único que não é da minha infância. Ele é apresentado por trazer uma pauta atual e necessária sobre negritude. Trago esse livro para apresentar um tópico importante e também representar a presença dos alunos negros dentro da escolinha.

6.3 Registro das oficinas - O primeiro dia na escola com as crianças.

Figura 21 - Registro da oficina de leitura compartilhada



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Fui à escola pela primeira vez no dia 30 de setembro, era uma terça-feira bem quente, havia saído de casa e fui a pé para a escola, chegando em torno das nove horas da manhã no portão. Conseguia ouvir os risos das crianças atrás do portão de entrada, o qual foi aberto pelo Tio Marcos¹² o porteiro da escola, que logo me guiou até a sala de Michelly. Fui apresentada a toda escola, conhecendo as professoras, as salas de aula, o berçário e os alunos das turmas G1, G2,

¹² Todos os funcionários possuem o prefixo “tia” ou “tio” na escola.

G3, G4 e G5¹³, os quais ficaram curiosos com minha presença no lugar. Após todo o *tour*, fui levada até o solário, um parquinho a céu aberto dentro da escola, onde iria ficar cuidando das crianças, auxiliando uma outra professora no local, até a chegada dos alunos cheios de energia. Quando os pequenos chegaram houve uma enxurrada de perguntas sobre mim sobre o porquê de eu estar ali. Enquanto respondia as mil perguntas diferentes, fui chamada de “tia” pelos pequenos e notei que todas as crianças da escola chamam as professoras assim. Embora tenha sido um choque a princípio, logo se tornou algo que agora carrego com muito carinho e amor.

“E ¹⁴(5 anos): Tia, seu cabelo é muito bonito! É cheio de cachinhos igual ao meu!”

Conversando com as crianças conforme o tempo ia passando, algumas me contavam sobre sua semana e reparei

¹³ As turmas são divididas pelas idades, portanto G1 é a turma de um ano, G2 a de dois anos, G3 a de três anos, G4 de quatro anos e também a G5 de cinco a seis anos.

¹⁴ Os nomes das crianças não serão expostos nesta pesquisa, utilizando apenas suas iniciais.

que muitas delas são de classe média e de classe alta. Contaram experiências não tão comuns para outras crianças como viajar de avião ou passar o fim de semana em algum *resort*. A escola é particular, portanto há uma mensalidade que além de incluir as aulas e sistema de creche, há diversas atividades para os alunos, desde judô, balé e inglês, também propondo atividades artísticas em sua formação, seguindo a proposta Reggio Emilia. Dito isso, notei esse fator de classe, anotando esse ponto importante para a pesquisa, pois é importante conhecer suas vivências para compreender suas interpretações. No fim do dia, estava exausta, mas foi muito proveitoso conhecer um pouco das crianças e ver um pouco de suas brincadeiras, desde o desenho até as fantasias de ser um super-herói enquanto brinca. Todas essas experiências eu anotei e guardei com carinho, o que me animou para a realização da oficina no dia seguinte.

Figura 22 - Registro de atividade de desenho das crianças



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

No dia 1 de Outubro de 2025, realizei a oficina de leitura e prática de desenho para as crianças da escola. No dia, fui novamente caminhando até a escola, agora bem mais confiante, pois já conhecia o espaço e os educadores do local, me sentindo confortável o suficiente para também pedir

auxílio a uma das professoras para realizar a oficina. Assim que cheguei na escola, fui em direção ao ateliê que fica ao lado do solário, um espaço aberto com os materiais artísticos dos alunos e também uma mesa central bem grande para que todos pudessem realizar as atividades. Levei em minha mochila os livros ilustrados que iria apresentar; os demais materiais como papel, lápis, tinta, giz de cera, foram disponibilizados pela escola, então, não tive que me preocupar em arranjá-los. Comecei a organizar as coisas, dispondo os livros em formato expositivo para as crianças escolherem as histórias que iríamos ler juntos.

Figura 23 - Mesa da oficina de leitura e prática



Fonte Elaborada pela autora, 2025.

Um dos principais objetivos de apresentar o livro ilustrado e propor uma oficina é de reconhecer o encanto e fantasia das crianças diante ao suporte. Dito isso, dividi a turma em dois grupos pequenos de quatro a cinco crianças, para ficar mais fácil de analisar o processo e também para

que não ficasse muito desorganizado, já que eu estava sozinha. Tia Paloma me auxiliou na separação dos grupos e ficou cuidando das crianças que ainda não haviam sido chamadas, permitindo que eu conseguisse focar na atividade e também fazer tudo com mais calma.

● GRUPO 1

O primeiro grupo era composto por: *A*, de quatro anos; *M.L.*, de quatro anos; *M*, de três anos e *P*, de três anos. Os meninos estavam bem interessados nos livros e comentaram que possuíam alguns deles, o que foi uma surpresa para mim, pois achava que muitos haviam sido descontinuados, principalmente porque adquiri o meu há doze anos. Por fim, o grupo escolheu dois títulos: *O Ratinho*, *O Morango Vermelho Maduro* e *O Grande Urso esfomeado* e *Mel e Milu*. A leitura se iniciou antes da prática, o que permitiu que eles me contassem a história e eu agisse como uma mediadora do livro, apenas apresentando as páginas.

A primeira história foi contada com palavras fantasiosas, já que eles não conseguiam compreender o texto, eu ajudei em alguns pontos, mas o foco era que eles me contassem o que estavam vendo. O livro tomou um rumo

diferente, nesse grupo a história era sobre o quão grande era o morango, ignorando totalmente o ratinho, apenas focando no desenho da fruta.

“*A* (4 anos): Olha que morangão!”

“*M.L* (4 anos): Eu gosto de morango.”

O interesse pela fruta era notável, pois o desenho dela ocupava a maioria das páginas e a ilustração era extremamente detalhada e delicada, dando até mesmo uma vontade de comer morango. Sendo assim, nessa história os quatro meninos comentaram que o ratinho queria proteger o morango e comê-lo sozinho, o que não foge muito da história original. Reparei que nessa história, por ela ser muito mais visual, as crianças conseguiram entender com maior facilidade, mas ignorando a presença de dois personagens que não aparecem sendo desenhados e só está presente no texto: o urso esfomeado e o narrador. Deste modo a história segue um caminho um pouco diferente sem a presença do animal que seria o “vilão”, focando-se apenas nos outros personagens que são desenhados.

Figura 24 - A e M lendo o livro *O Ratinho, O morango Vermelho Maduro e O Grande Urso Esfomeado*



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Em seguida, houve a leitura do livro *Mel e Milu*, uma história sobre um cachorro e sua dependência emocional em sua pelúcia, um conto sobre desapegar de brinquedos e também sobre crescimento. Agora, na visão dos meninos, a

história é sobre dois cachorros que querem brincar com vários animais que encontram no caminho. Nesse momento houve maior dificuldade de criar uma história, pois eles estavam bem mais interessados nos animais que estão presentes nas páginas, procurando as diferentes espécies presentes nas páginas, o que foi interessante de observar, já que nem sempre as crianças seguem uma história, mas seguem o que interessa a sua visão. Eles também me contaram que gostam de animais, e a cada animal que eles viam na página falavam se gostavam dele ou não, o que foi uma atividade bem interessante.

Após a leitura, disponibilizei diversos materiais como lápis, giz e tinta para que cada um pudesse criar sua própria história ilustrada, e a maioria decidiu seguir com tinta guache. Surgiram muitas formas interessantes do tipo “manchas de tinta”, e como Violet comenta em seu livro *Descobrindo Crianças*, ela pede para que as crianças contem as histórias e o que enxergam em suas obras (Oaklander, p. 34). Segui a mesma proposta, pedindo aos meninos para que eles me contassem um pouco sobre as histórias que haviam criado.

“*M.L*(4 anos): E eu vou contar a história do guerreiro cachorro de fogo!”

Figura 25 - Processo da atividade



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Notei alguns equívocos que cometi na preparação da oficina, os quais dificultaram um pouco o aproveitamento da oficina. Entreguei folhas de sulfite dobradas ao meio para se

assemelhar com o formato do livro, onde eles poderiam criar uma capa, um meio e uma contra-capa. Entretanto, devido a gramatura da folha, a tinta foi passando para a outra parte da folha e demorando muito para secar, borrando alguns dos desenhos-pinturas dos dois grupos. Apesar deste ponto, todas as crianças ignoraram isso e abraçaram os “borrões” causados pelo atrito das folhas, adaptando-os às suas histórias.

No fim da oficina pedi para que eles me apresentassem suas histórias, mas a grande maioria estava mais interessada em brincar de outra coisa, portanto apenas consegui entender a história criada por *M.L* e *M*. A primeira história era de um um super-herói cachorro que tinha o poder de fogo, e que a tinta azul representa a água que era a sua fraqueza. *M.L* não fez capa e nem contra-capas, pois achou desnecessário para contar sua história. Já a segunda era sobre o próprio morango do ratinho, onde *M* tentou repetir o desenho do livro ilustrado apresentado da forma que compreendeu, utilizando das cores azul, verde e vermelho na capa, e por dentro um borrão verde que representava o morango.

Figura 26 e 27 - Processo da confecção dos livros



Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

● GRUPO 2

Após a finalização da oficina com o grupo um, Tia Paloma chamou as crianças restantes para ir ao ateliê realizar a atividade comigo, elas estavam extremamente animadas e com grandes expectativas com a oficina, já que conseguiram ver de longe o processo do grupo um. Dito isso, tomei

cuidado em considerar os pontos que deram “certo ou errado” realizados com o primeiro grupo, aprendendo a partir deles como aplicar a atividade para o segundo grupo. Enfatizando a importância da leitura compartilhada e também da compreensão das histórias e do suporte, e que só após esse primeiro momento iríamos realizar a parte prática da oficina.

O Grupo 2 era composto por: *H* de quatro anos, *L* de três anos, *O* de quatro anos e *T* de quatro anos. Os quatro estavam animados principalmente por terem aguardado a sua vez de começar a atividade, porém seguiam comportados e permitiam que eu tivesse espaço para falar e explicar as coisas que seriam feitas. *H* e *T* aparentavam estar mais interessados nos livros do que *O* e *L*, os quais queriam ficar apenas pintando e não se importavam muito com os livros expostos. Embora alguns estivessem mais engajados do que outros, todos estavam empolgados tanto pelos livros e suas páginas ilustradas, quanto pelas tintas e os livros ilustrados criados pelo grupo anterior que estavam expostas na mesa.

Para começar a oficina foi realizada a escolha de dois títulos para a leitura compartilhada, e o grupo dois escolheu

os mesmos títulos do que o grupo anterior que foram: *O Ratinho*, *O Morango Vermelho Maduro* e *O Grande Urso esfomeado* e *Mel e Milu*. Fiquei intrigada pela mesma escolha, e levantei a hipótese que os alunos decidiram optar por esses livros porque eles acompanharam de longe a realização da primeira oficina com o grupo um, e decidiram copiá-los. Contudo, conforme o combinado, segui com a oficina e apresentei os títulos escolhidos para eles, perguntando também algumas questões sobre se eles gostam dos livros ilustrados e se possuem alguns em casa e na escola.

Sobre o primeiro livro, a maioria comentou que também já conhecia e que alguns até possuíam uma edição em casa, o que me deixou impressionada com a grandiosidade deste livro e em quantas crianças ele já chegou. Enquanto líamos a história *H* fazia pequenos comentários sobre como o morango grande era bem bonito e *T* comentava sobre como o ratinho era medroso. A história não ficou muito diferente da original através de suas interpretações, já que alguns já conheciam o final e como a história se desenrolava. No entanto, admirei como eles apesar de tão novos se recordam das histórias

através de repetições, e que mesmo sem compreender o texto eles se recordam através das imagens as histórias contadas oralmente.

Na segunda leitura, consegui ver o encanto de O pelo livro, já que ele apontava para cada animal e falava cheio de euforia sobre cada um deles. Esse grupo conseguiu contar a história original sem ao mesmo saber o que estava escrito, tendo uma interpretação visual aguçada, embora eles também adicionaram pequenos fatores fantasiosos como: “o bichinho de pelúcia é de verdade, né tia?”, disse O enquanto passava as mãos pela página, e eu, alimentando sua criatividade respondi que sim, mesmo que não fosse a informação oficial dentro do conto.

Figura 28 - Grupo dois realizando a oficina de confecção de livros



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Na parte prática, notei que esse grupo possuía maior controle nos movimentos dos pincéis e que também tinham

uma visão mais clara do que queriam fazer. *T* comentou que gostaria de fazer um livro do morango, e notei a forma de seu desenho, o qual era mais figurativo do que os demais. Achei interessante o resultado dos pequenos livros ilustrados e os pequenos também, querendo levar para a casa, mas infelizmente tive que recusar para seguir com a pesquisa. O quis pintar os animais, *H* optou por desenhar o céu e *L* não comentou sobre sua história, seguindo alto totalmente intuitivo. Após todos terminarem perguntei o que eles tinham achado e também sobre o que eles gostam dos livros ilustrados.

“*T*: A gente tem muitos livros assim aqui na escola.

H: Meus pais leem pra mim e para minha irmã!

T: Eu gostei dos seus livros, achei legal

O: É bem legal.”

Logo após todos entregarem os livros que realizaram, deixei-os secando e liberei as crianças para a recreação.

Enquanto isso, arrumei todo o ateliê, limpando as mesas e guardando os materiais usados pelas crianças, e após terminar me juntei aos demais no solário.

Com a chegada da tarde, por volta das 13 horas, mais alunos desceram para a recreação. Muitos deles ouviram de seus colegas que havia acontecido uma oficina e os que não participaram também queriam ter a chance de pintar o livro deles, o que me pegou de surpresa, já que não planejei fazer a oficina com as demais turmas. Devido a essa situação, decidi propor mais uma vez a leitura compartilhada, atividade onde eu também aproveitei para analisar a interpretação das crianças enquanto elas descreviam a história para mim. Logo todas se sentaram no chão à minha frente esperando ansiosamente para que eu lesse o livro, mas após eu explicar que elas iriam ler a história para mim todas ficaram um pouco confusas.

“*V* (4 anos): Tia, mas a gente não sabe ler!”

Figura 29 - Registro da leitura compartilhada com os alunos da recreação



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Expliquei para eles como uma história pode ser lida sem a necessidade do texto, apenas das imagens e todos ficaram boquiabertos e decidiram tentar. Eu dei auxílio no que era necessário, explicando algumas partes do texto para impulsionar alguns pontos da leitura e não a deixasse monótona. Dito isso, lemos novamente a história do “ratinho” e dessa vez todos me contaram exatamente o que estava acontecendo, apontando detalhes nas imagens que antes haviam passado despercebidas, tal como: os detalhes da casa do rato, o tremor nas imagens devido ao urso, e o “tamanhão” grande da fruta.

“H.A (4 anos): O Urso vai comer o ratinho!

Eu: Será que vai?

E (5 anos): O ratinho tá com medo...”

Reparei que em grande número a interpretação se torna um “senso-comum”, todos sendo influenciados pela resposta um do outro, o que era algo que não queria que acontecesse. Portanto, após finalizar a leitura coletiva, muitos pediram para que eu continuasse a contar outras histórias, mas com receio de acontecer a mesma coisa devido a leitura compartilhada em grande número decidi entregar os livros para as crianças e elas realizarem leituras individuais, e eu iria ficar próxima a elas observando.

Cada aluno foi pegando os livros que lhe interessavam e notei que eles realmente criaram suas histórias através das imagens. Enquanto E lia o livro *A Árvore dos Sonhos* de Fabiano Alves Onça, ouvi sua voz baixinha descrevendo os acontecimentos da história. Nesse livro, um avô e seu neto comentam sobre o que é uma árvore dos sonhos e criam uma

juntos, mas na interpretação de *E*, o livro era sobre um garoto que gostava de bicicleta e que a árvore a engoliu, isso porque a imagem da bicicleta nas folhas da árvore aparecem na capa do livro. Achei isso genial e ela estava tão animada que criava outras pequenas histórias baseadas nos objetos ilustrados presentes nas imagens, e consegui ver em seus olhos a animação e o encanto que um dia eu senti.

Figura 30- Registro da capa do livro *Árvore dos Sonhos*



Fonte: Registro realizado pela autora, 2025.

Figura 31 - Alunas lendo os livros individualmente



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Era também interessante como eles analisavam os livros e também comentavam entre si, apontando algumas

imagens e dizendo o quão bonito eram as páginas. Folheando o livro, as crianças liam as histórias rapidamente apenas para trocar de livro com o coleguinha e ver o que tinha no outro, ansiando para ver cada uma das histórias, poucos analisavam com calma as imagens e as histórias. Analisar as crianças lendo foi interessante, notei que todos estavam bem animados, fazendo comentários inocentes sobre as histórias, e ao passar perto deles, consegui ouvir um pouco de suas próprias versões dos livros, as quais eram extremamente criativas e fascinantes.

Após essa leitura individual, conversei com algumas das crianças e todas comentavam o quão bonitos os livros são, pedindo até mesmo emprestado para mim, o que eu disse que não seria possível. Foi interessante ver os meus livros de infância serem folheados novamente por crianças, as quais estavam cheias de animação e encanto por eles, foi como voltar no tempo. Através dessas oficinas reparei o quão bonito foi me visualizar naquelas crianças através do mesmo interesse.

6.4 Conclusão da Oficina

No final da atividade, notei que todas as crianças estavam animadas e interessadas na leitura do livro, fosse ela coletiva ou individual. Embora a maioria dos pequenos não soubesse ler textualmente, notei a interpretação realizada por elas através das ilustrações, e ouvi a forma que eles compreendem as histórias, esses detalhes tornaram o momento muito mais prazeroso do que eu imaginava. Compreender a percepção delas foi uma atividade interessante, consegui ver no olhar de cada uma delas o quanto se atentam aos detalhes e como cada figura pequena na ilustração podia se tornar um ponto essencial para a sua interpretação.

As educadoras da escola me contaram que a realização de rodas de leitura é comum na escola e que todas as crianças adoram, então não era uma grande novidade para elas. Eles prestaram bastante atenção em minha leitura e mesmo individualmente conseguiram focar totalmente na história. Era como se o livro as prendesse e eu senti uma conexão real com elas nesse momento, consegui visualizar eu com cinco anos ao lado delas, foi algo muito especial para mim ao notar essa conexão, era como se o encanto pudesse

nos unir e que eu me tornasse criança novamente ao lado delas.

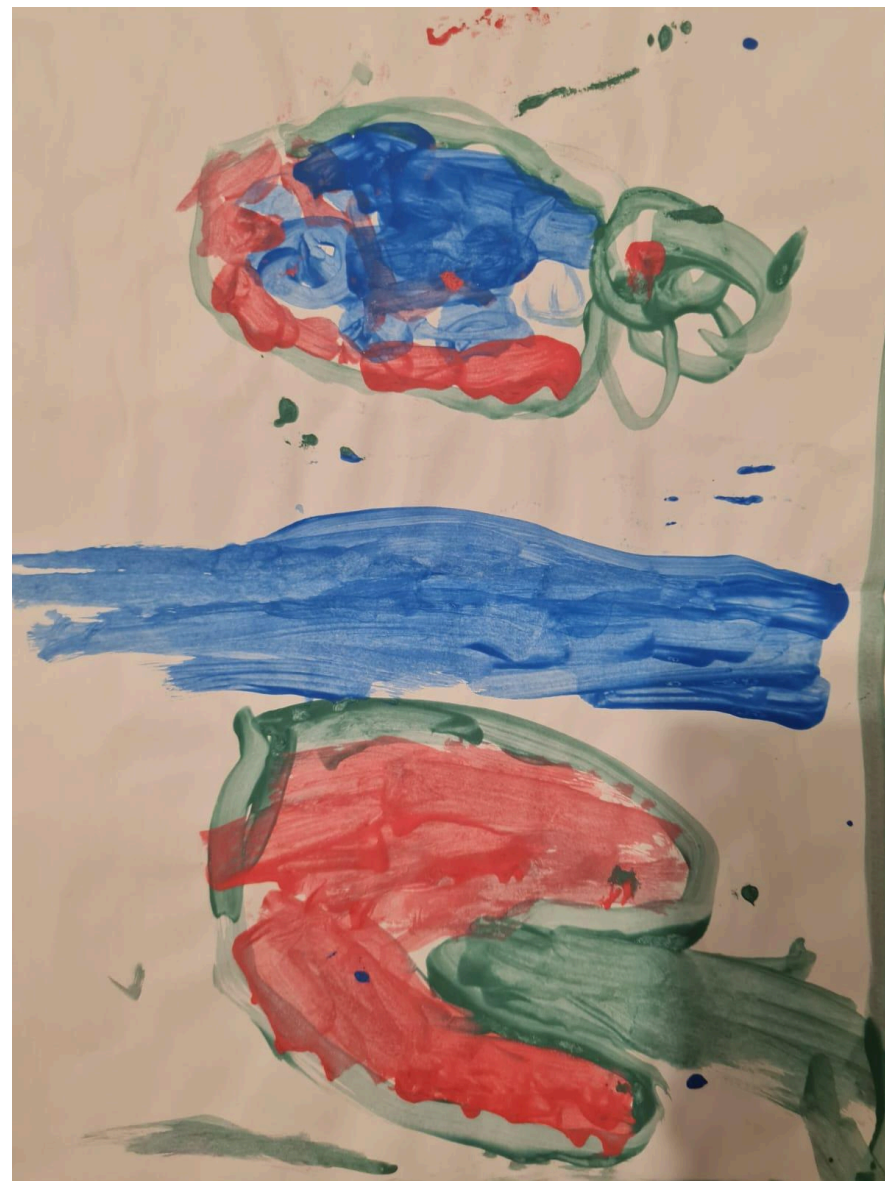
Na leitura individual notei que as crianças mais novas, de três a quatro anos, passavam mais tempo lendo o livro, analisando as imagens, apontando cada pequeno detalhe e criando uma narrativa através delas, a maioria lia em pequenos grupos de até quatro pessoas. Já as crianças mais velhas de cinco até seis anos tinham uma atenção menor e por isso mesmo liam o livro em alguns segundos já querendo pegar o próximo, além de ler sozinhas e até mesmo “brigar” com o colega quando o outro tentava ler junto. Notei ainda o encanto pelas imagens nas crianças mais velhas, mas também notei o anseio por querer ver mais imagens diferentes, discutindo com os colegas suas percepções de como é a história.

A atividade prática foi um pouco conturbada, talvez pelas crianças estarem mais hiperativas ou por estarem mais interessadas em pintar. Senti que elas não quiseram seguir com o tema de “contar histórias”, mas achei interessante a forma que cada um de seus livros saíram, tomando formas e cores diferentes. Alguns com capas, outros com nenhum desenho no interior e alguns totalmente pintados, foi muito

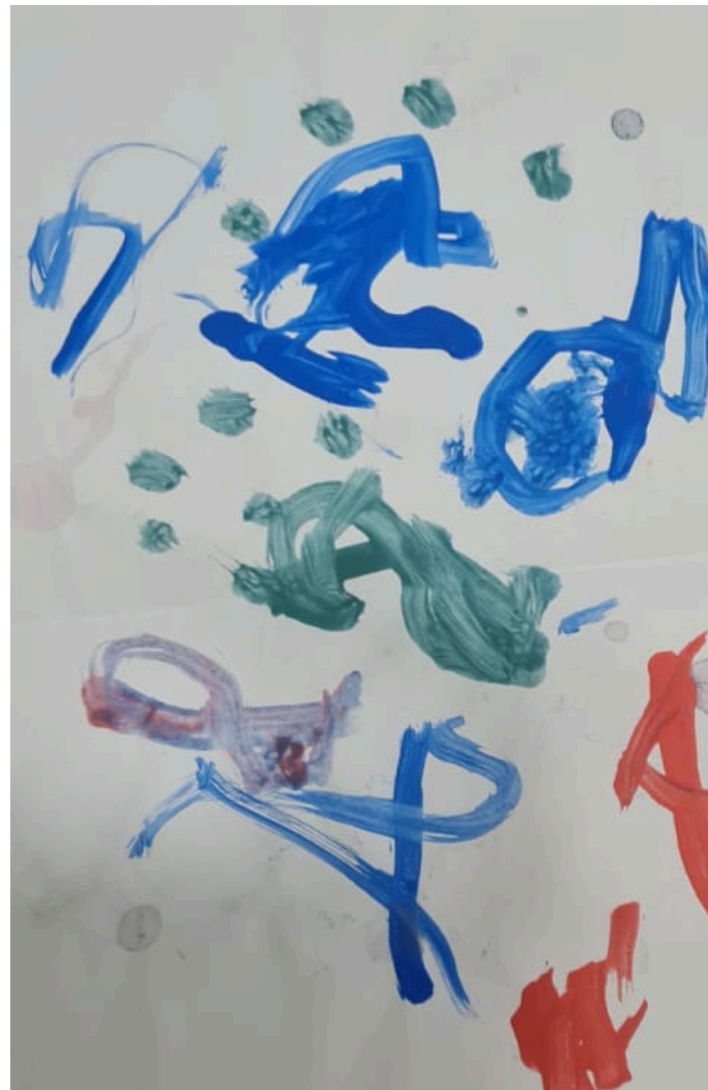
legal vê-las tentarem copiar com a tinta os desenhos dos livros, embora o meio do guache acabou tornando as coisas um pouco bagunçadas. Acredito que teria sido melhor realizar com lápis, mas estou satisfeita com o resultado que as crianças tiveram. Embora o propósito da atividade fosse apenas um convite a experiência do livro ilustrado, sem definição de um resultado bom ou ruim.

Constatei que toda a atividade, desde a preparação, foi feita com muito carinho e mesmo devido às adversidades, ela conseguiu ser finalizada. O olhar de atenção das crianças ao reconhecerem alguns dos títulos ou por simplesmente acharem as imagens bonitas foi o que eu buscava desde o início, e ver isso pessoalmente foi muito especial e bonito. As crianças ainda mantêm o encanto pelos livros ilustrados. Mesmo sem conseguirem ler textualmente, por não serem totalmente alfabetizadas, elas possuem a capacidade de interpretar os livros pelas imagens e criam histórias únicas que podem mudar a cada folha. O encanto mais belo é ver as histórias criadas e como elas ficam minutos analisando as páginas ilustradas.

Figuras 32, 33, 34, 35, 36 e 37 - Livros ilustrados feitos pelas crianças







Fonte: Registros realizados pela autora, 2025.

7 O ENCANTO - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa fui me aprofundando em áreas que nunca havia pesquisado como: a história da literatura infantil, as tecnologias de reprodução de imagem e outros momentos. No decorrer do processo eu fui me encantando cada vez mais pelo livro ilustrado, me conectando com esse suporte e visualizando novas funções. Admito que o reencontro com os meus livros da infância foi muito bonito para me conectar com minha criança interior, mas a pesquisa em si foi muito mais, principalmente pelas experiências que adquiri com ela, que irei carregar para sempre.

Antes de realizar esse trabalho, não conseguia me imaginar como pesquisadora, mas agora nesse momento das considerações finais, posso dizer com convicção que sou uma pesquisadora artista educadora. Encontrar dados, me aprofundar na história e nas reflexões me fez muito bem, foi como conhecer um novo mundo, e apesar das dificuldades me diverti muito no processo, é como se nascesse outro encanto em minha vida.

Quando comecei a pesquisar sobre as ilustrações eu não tinha muito repertório de artistas ilustradores ou de pesquisadores da área. Por meio do livro de Cadôr (2024)

encontrei nomes importantes que alimentaram essa pesquisa. Seu livro foi como um portal, principalmente por me alimentar com referências e ideias que me proporcionaram reflexões e diálogos que apresento neste trabalho. Embora o foco do livro fosse sobre livros de artista, foi possível encontrar pontos muito interessantes para minha pesquisa. Mesmo que a minha pesquisa seja voltada ao livro ilustrado, compreendo que há muito mais em que posso me aprofundar dentro desse mundo ilustrado que me foi apresentado pelo autor.

Outro momento que me fez muito feliz na pesquisa foi o encontro com as crianças. Admito que antes de poder realizar a oficina eu não estava tão empolgada com o processo, mas quando a coloquei em prática foi algo muito potente e encorajador. Nunca havia mediado atividades para crianças tão pequenas, então eu mal imaginava a sagacidade que elas possuem em interpretar, participar e escutar. Sei que havia um preconceito de minha parte em relação à educação infantil, mas admito que após essas atividades e outros encontros que tive no decorrer da pesquisa eu mudei totalmente minha visão sobre as crianças. Os pequenos e pequenas de três à cinco anos são espertos, propondo perguntas que até mesmo me tiraram do chão.

O resultado da pesquisa na escola foi muito interessante, apesar de ter um pouco de dificuldade devido à agitação das crianças, ainda sim consegui bons resultados em relação aos objetivos propostos. Quando realizei a leitura coletiva foi algo muito empolgante, principalmente porque alguns dos títulos as crianças já conheciam, o que gerou uma troca muito bonita, pois todas estavam animadas em lerem as histórias. Nesse momento, eu comprovei que as crianças ainda possuem esse encanto e curiosidade, principalmente por apontarem pequenos detalhes nos livros que muitas vezes passam despercebidos, mantendo um olhar atento e delicado durante a leitura.

Cruzei essa pesquisa através de memórias de minha infância, mas ao entrar em contato com as crianças desta geração consigo ver melhor que os livros ilustrados são uma arte atemporal, que sempre será apreciada pelas crianças e também por outras idades. Noto que o livro ilustrado infantil é um suporte especial para os educadores principalmente após conversar com as professoras da escola, as que comentaram sobre o quão potente é a leitura para os pequenos e para as pequenas. Portanto, entrego este trabalho com a consciência

que a leitura infantil com ilustrações é encantada na interpretação das crianças, e que essa magia continuará por muito tempo.

Por fim, encerro com uma nova visão do livro ilustrado, interpretando-o como um mediador na educação infantil, que pode proporcionar tanto atividades pedagógicas quanto rodas de leitura e conversa com as crianças, sendo muito útil para arte-educadores. Noto também que o suporte é querido por seus leitores há séculos e que esse carinho e encanto permanece até os dias atuais para todas as idades. Nas páginas desse trabalho descrevo uma linha do tempo que me conecta com meu início na carreira das artes visuais e meu encontro com a educação no processo, compartilhando os ensinamentos que adquiri em minha graduação e aprendendo em conjunto com as crianças novas formas de ensinar. E após todas as experiências que adquiri em pesquisa ou em atividade, compreendo através dos ensinamentos que as crianças trouxeram para mim que vale a pena ser uma educadora, e que é possível utilizar suportes que tanto amo em minha prática.

Figura 38 - Última página do livro ilustrado: *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*



Fonte: Don e Audrey Wood, 1945.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laila. **Corsários e sereias: o desenvolvimento de um livro ilustrado infantil**. 2017. Trabalho acadêmico – Rio Grande do Norte, 2017.

BARBIERI, Stela. **Espaços de experiências das crianças**. Revista Emília, s.l., s.d. Disponível em: <https://emilia.org.br/espacos-de-experiencias-das-criancas/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão; SALES, Heloisa Margarido. **Artes visuais: da exposição à sala de aula**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **A arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Brasília, n. 7, 2009. Disponível em:

<https://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012187.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2025.

BRITANNICA, Encyclopedia. **Kate Greenaway**. s.l., s.d. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Kate-Greenaway>. Acesso em: 6 nov. 2025.

BYRON'S MUSE. **John Anster Fitzgerald – Fairies and Victorian Escapism**. s.l., 12 mar. 2020. Disponível em: <https://byronsmuse.wordpress.com/2020/03/12/john-anster-fitzgerald-fairies-and-victorian-escapism/>. Acesso em: 28 out. 2025.

CADÔR, Amir Brito. **Eu nunca leio, só vejo as figuras**. São Paulo: Lote 42, 2024.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

DALCIN, Andrea Rodrigues. **Literatura infantil: um olhar para a leitura dos livros ilustrados**. São Paulo, 2014.

ELITE COLÉGIO E PRÉ-VESTIBULAR. **Questão nº 150590 – Prova UNICAMP 2014**. s.l., s.d. Disponível em: https://sisq.elitecampinas.com.br/GabaritoVestibulares/VisualizarQuestaoLista?id_questao_lista=150590&vestibular=unicamp&ano=2014&prova_vestibular_id=11546. Acesso em: 5 nov. 2025.

FAVORETO, Fabiana Pedroni. **Habitar, mediar, construir: o encantamento do mundo pelo livro ilustrado**. São Paulo, 2023.

FONSECA, Letícia Pedruzzi. **Panorama da publicação periódica ilustrada brasileira no século XIX: Uma revolução gráfica: Julião Machado**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 13–92.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 1. ed. digital. São Paulo: Cortez, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEUTEMANN, Heinrich; OFFTERDINGER, **Carl. Snow White (Schneewittchen)**. [Imagem digital]. Wikimedia Commons, s.d. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Schneewittchen_%281%29.jpg. Acesso em: 6 nov. 2025.

LIMA, Graça; GUEDES, Alexandre. **A ilustração de livro para crianças no Brasil: prelúdio de uma história em construção**. Brasiliana, s.l., 2 dez. 2019. Disponível em: <https://blij.bn.gov.br/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MARCUS, Leonard S. **Imagens nos livros ilustrados; palavras nos livros ilustrados**. Revista Emília, s.l., 15 ago. 2021. Disponível em: <https://emilia.org.br/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MENEGAZZI, Douglas. **Figura 5 – páginas do livro Flicts**. [Imagem]. ResearchGate, s.d. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MUNHOZ, Estella Maria Bortoncello. **Enlace entre imagem e palavra: o livro ilustrado criado por mulheres**. Caxias do Sul, 2022.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carol. **How picturebooks work**. New York: Routledge, 2001.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1980.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. **Cativar**. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. s.l., s.d. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cativar>. Acesso em: 10 out. 2025.

POPOVA, Maria. **Arthur Rackham's 1907 drawings for Alice in Wonderland**. The Marginalian, s.l., 1 fev. 2016. Disponível em: <https://www.themarginalian.org/2016/02/01/arthur-rackham-alice-in-wonderland/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

RECIFE (PE). Prefeitura do Recife. **Editorial e gráfica**. Recife, s.d. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/editorial-e-grafica>. Acesso em: 9 nov. 2025.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. 2017. Artigo – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770014013/html/>. Acesso em: 3 nov. 2025.

SHULEVITZ, Uri. **Writing with pictures: how to write and illustrate children's books**. New York: Watson-Guption, 1985. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

SOARES, Leonardo Francisco. **Por uma teoria da literatura infantil: o caso Peter Hunt**. Minas Gerais, s.d.

SOLO ARTE. **Galleria delle opere di John Anster Fitzgerald**. s.l., s.d. Disponível em: <https://soloarte.atelierdesarts.com/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

WIKIPÉDIA. **Semana ilustrada**. s.l., s.d. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Semana_Ilustrada. Acesso em: 5 nov. 2025.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Penso, 2014.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VAULT EDITIONS. **The golden age of illustration**. s.l., 10 out. 2025. Disponível em: <https://vaulteditions.com/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

VESCHI, Benjamin. **Ilustrar e ilustração: etimologia, origem do conceito**. Etimologia.com.br, s.l., 2020. Disponível em: <https://etimologia.com.br/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

WIKIPEDIA. **The quarrel of Oberon and Titania**. s.l., s.d. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Quarrel_of_Oberon_and_Titania. Acesso em: 5 nov. 2025.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Luara Teixeira de; NAVAS, Diana. **Palavras e imagens literárias: aproximações entre histórias em quadrinhos e livros ilustrados**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/W3TYLxPRycL6ztCByq9QpRM/?lang=pt>. Acesso em: 5 nov. 2025.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2011

BESS, Eric. **The Golden Age of American Illustration**. Canvas by New Masters Academy, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://canvas.nma.art/2020/11/09/the-golden-age-of-american-illustration/> . Acesso em: 06 nov. 2025.

BIBLIOTECA NATALIE. **Are fairy tales for children?** s.l., 12 dez. 2024. Disponível em: <https://bibliotecanatalie.com/home/f/are-fairy-tales-for-children>. Acesso em: 6 nov. 2025

EAMES FINE ART. **The Golden Age of Illustration: 1880-1930**. 9 jun. 2022. Disponível em: <https://www.eamesfineart.com/viewing-room/105-the-golden-age-of-illustration-1880-1930/>. Acesso em: 06 nov. 2025.

LUCA, Tania Regina de. **Ilustração Brasileira (Bordeaux/Paris, 1901-1902): em busca do projeto e de seus idealizadores**. Florianópolis: Revista Tempo e Argumento vol. 13, 2021.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

RIO DE JANEIRO (RJ). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial**. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lim. **Ilustração Brasileira (1854-1855)**. Revista Ágora, 2009.

SILVA, Beatriz dos Reis de Castro Barros. **O livro ilustrador na literatura infantil contemporânea: a relação entre o texto e a imagem em obras brasileiras.** São Paulo, 2018.